



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A HISTÓRIA, A AUTENTICIDADE E O MENTIROSO:

Uma análise sobre como Adolf Hitler compreendeu a história em *Mein Kampf* (1923–1926).

LUIZ HENRIQUE ALVES SPINDOLA MARTINS

Brasília

2025

A HISTÓRIA, A AUTENTICIDADE E O MENTIROSO:

Uma análise sobre como Adolf Hitler compreendeu a história em *Mein Kampf* (1923–1926).

LUIZ HENRIQUE ALVES SPINDOLA MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Bivar Marra Pereira

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vinicius Bivar Marra Pereira

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

Prof. Dr. Pedro Eduardo Batista Ferreira da Silva

Data da defesa oral: 09 de dezembro de 2025.

Brasília

2025

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus familiares por todo apoio que recebi desde o primeiro dia da graduação. Em especial, agradeço ao meu pai, minha mãe, meu irmão e à minha cunhada por todo o incentivo.

Agradeço ao meu orientador por ter me aceitado como orientando mesmo com um prazo tão curto para desenvolver e apresentar essa monografia. Sempre terei uma profunda gratidão pelas correções, dicas e conselhos que o senhor me deu durante esse período. Muito obrigado, professor.

Agradeço aos meus amigos que me acompanharam durante essa jornada, me ajudaram com trabalhos, me aconselharam, foram meus colegas de pesquisa e ouvintes atentos de várias das minhas reclamações. Muito obrigado, pessoal.

Deixo aqui também meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma com essa pesquisa. Em especial, agradeço a todas as pessoas que me acompanharam temporariamente nessa jornada de quatro anos na Universidade de Brasília. Vocês permanecerão eternamente na minha memória.

Em memória de Hermenegilda Guimarães Ribeiro, minha eterna Vovó Gida. Maria de Lourdes, minha querida bisavó. Adilia José, prezada madrinha. Tio Jaime, nenhuma festa será tão animada como era com a presença do senhor. Pequenina Hannah, em um prazo tão curto de vida, você trouxe tanta felicidade à nossa casa. Descanse em paz.

Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores. (Mateus 7, 15)

Resumo

A presente monografia visa analisar as diferentes formas como a história foi utilizada por Adolf Hitler em *Mein Kampf* entre os anos de 1923 e 1926. Com esse propósito, a pesquisa volta-se para a vida do futuro ditador com a intenção de esclarecer as influências que Hitler recebeu ao longo de sua vida para consolidar a história como uma ferramenta política. Do mesmo modo, através da leitura da fonte, busca-se interpretar quais os conceitos que Hitler se apropriou e seu objetivo ao utilizar o termo “história” e seu conceito. Para tal feito ser possível, esta monografia se debruça sobre as origens modernas do conceito de história, a crise do historicismo após a Primeira Guerra Mundial e o uso instrumental da história. Também são explorados os conceitos de raça, autenticidade, identidade e propaganda.

Palavras-chave: Adolf Hitler; História; *Mein Kampf*.

Abstract

This monograph aims to analyze the different ways in which history was used by Adolf Hitler in *Mein Kampf* between 1923 and 1926. For this purpose, the research turns to the life of the future dictator, with the intention of clarifying the influences that Hitler received throughout his life to consolidate history as a political tool. In the same way, by reading the source, we seek to interpret what concepts Hitler appropriated and its purpose when using the term “history” and its concept. To make this possible, this monograph focuses on the modern origins of the concept of history, the crisis of historicism after the First World War and the instrumental use of history. The concepts of race, authenticity, identity, and propaganda are also explored.

Keywords: Adolf Hitler; History; *Mein Kampf*.

Sumário

Introdução.....	Pág. 8
1. Em busca de uma autenticidade, a história em meio a propaganda de <i>Mein Kampf</i>.....	Pág. 12
2. Como Adolf Hitler pensou o conceito de história?.....	Pág. 28
3. A Raça e a História em <i>Mein Kampf</i>.....	Pág. 39
Conclusão.....	Pág. 49
Referências bibliográficas.....	Pág. 52

Introdução

O presente trabalho busca discutir como Adolf Hitler interpretou a história em *Mein Kampf* entre os anos de 1923 e 1926, correspondentes aos anos de escrita das duas partes do livro. A premissa desse trabalho surgiu devido ao baixo número de produções encontradas que trabalham diretamente com a interpretação de Hitler acerca da história. Na presente historiografia mundial, foram identificados somente dois trabalhos dedicados diretamente ao tema, sendo que ambos não possuem tradução para o português. O primeiro, publicado no ano de 2012, foi o livro *Le nazisme et l'Antiquité* do historiador francês Johann Chapoutot. Passados sete anos, o historiador inglês Christopher Clark publicou o livro *Time and Power: Visions of History in German Politics, from the Thirty Years' War to the Third Reich*, onde dedicou o quarto capítulo exclusivamente para tratar da concepção nazista acerca do tempo. Desde então, reconhecendo os limites de língua e região, não conseguimos identificar outras publicações que tratassem dessa temática. Compreendendo a existência de uma lacuna na historiografia, o presente trabalho surgiu com a proposta de apresentar uma discussão existente no exterior para o público brasileiro, assim como encorajar outros historiadores a se debruçar mais no modelo como regimes autoritários do século XX conceberam o conceito de história e as formas como o utilizaram em seus governos.

Para tornar esse trabalho possível, utilizamos como metodologia a leitura comparada entre a fonte e textos teóricos e metodológicos acerca da história e da historiografia especializada na vida de Adolf Hitler. Os estudos de Reinhart Koselleck, François Hartog, Beber Bevernage, dentre outros, foram essenciais para compreendermos como a modernidade, a partir do século XVIII, alterou o olhar sobre o tempo para uma visão futurista da história. O conceito de “crise” desenvolvido por Koselleck nos permitiu olhar para *Mein Kampf* como um campo onde a história transformou-se em base de sustentação para identidade, a propaganda e os argumentos de Adolf Hitler. Em complemento, Hartog nos permitiu observar as projeções futuristas de Hitler. O francês também nos introduziu à crise do regime moderno de historicidade no pós-guerra. Por sua vez, aprofundamos esse problema com o estudo de Bevernage, o qual proclamou o problema como “crise da posseidade”. Ao destacarmos os trabalhos de tais autores, tivemos como parâmetro a disponibilidade e fácil acesso dos materiais em língua portuguesa, a confiabilidade e qualidade da editora/revista (Editora Contraponto/Editora PUC Rio, Editora Autêntica e Revista de Teoria da História, respectivamente) e o reconhecimento dos trabalhos na historiografia nacional e estrangeira.

Tais parâmetros também foram estendidos às produções da historiografia especializada sobre Adolf Hitler. Contudo, para a historiografia especializada, priorizamos as produções de historiadores alemães. Essa escolha foi motivada, principalmente, pelo domínio e pela qualidade dos materiais produzidos pela historiografia alemã acerca do tema tratado. Por meio dessa escolha metodológica, conseguimos detectar de forma mais clara incongruências na escrita de *Mein Kampf*. Essa detecção foi facilitada, sobretudo, pela publicação da versão crítica de *Mein Kampf*, na qual diversos historiadores comentam página a página os objetivos e como determinadas expressões foram utilizadas por Adolf Hitler. Por sua vez, essa versão está disponível exclusivamente em alemão, o que nos exigeu o uso de ferramentas de tradução automática do navegador Microsoft Edge.

O problema da língua aparece constantemente em *Mein Kampf*, visto que o livro teve algumas alterações desde a sua primeira publicação. Para suprir tal demanda, novamente nos voltamos para a versão crítica, na qual também consta a alteração das palavras conforme o passar dos anos. Na versão utilizada para o presente trabalho, ou seja, a edição publicada pela Editora Moraes no ano de 1983, foram identificadas semelhanças suficientes com os originais de 1923 e 1926. Para além da fonte, o problema envolvendo a questão linguística também nos foi apresentado na leitura da literatura especializada, especialmente nos livros de Chapoutot e Clark, os quais não possuem traduções para o português. No caso do trabalho de Christopher Clark, realizamos uma leitura comparativa entre a versão original e a tradução em espanhol. Dessa forma, ambas as versões foram utilizadas complementarmente uma à outra. Assim, ao citarmos a produção de Clark, referenciamos ambas as versões, estando a versão original no corpo do texto e a tradução em forma de nota de rodapé.

Quanto à *le nazisme et l'Antiquité* de Johann Chapoutot, optamos por traduzir o original publicado em francês em diferentes plataformas, seja pela inteligência artificial, principalmente, ChatGPT, ou tradutores convencionais como Cambridge Dictionary, Google Translator, Reverso e DeepL. Após a tradução em cada plataforma, realizamos novamente a tarefa de comparação, assim mantendo elementos comuns das versões e obedecendo à norma padrão da língua portuguesa. De toda forma, para evitar uma compreensão errônea da tradução, escolhemos inserir as citações diretas, tanto de Clark quanto de Chapoutot, em nota de rodapé em suas línguas originais.

Essa realização argumenta que Adolf Hitler usou a história como um instrumento político para consolidar-se no meio político da Alemanha. No decorrer dos capítulos, demonstramos diferentes campos, nos quais o termo e o conceito de história foram empregados sob a função de servir como plataforma de sustentação. No primeiro capítulo,

intitulado “*Em busca de uma autenticidade, a história em meio à propaganda de Mein Kampf*”, identificamos como a história foi usada para gerar nas grandes massas um sentimento de legitimidade e reconhecimento para com a identidade formulada por Hitler em *Mein Kampf*. Recorrentemente debatida entre os historiadores, a busca de Hitler por uma autenticidade aparece em *Mein Kampf* por diversas vezes. Inclusive sendo assumida pelo próprio (Hitler, 1983, p. 09). Por sua vez, essa construção se tornou possível em virtude da consolidação de uma narrativa que exaltava Hitler e o tornava objeto de propaganda. Tal “narrativização”, responsável por transformá-lo em objeto de propaganda, não ocorreu sem objetivo. Em “*Tornando-se Hitler: a construção de um nazista*” (2019), Thomas Weber nos demonstra que tais atitudes compunham o objetivo de tornar uma figura mais conhecida publicamente. Adentrando as estratégias utilizadas, Theodor Adorno e a sua “*A Teoria Freudiana e o modelo fascista de propaganda*” (1951) trazem corpo à afirmativa de Weber, conforme expõe como a propaganda fascista manipula as massas para acreditarem e se projetarem na pessoa de Adolf Hitler. Em acréscimo, buscamos demonstrar que os eventos da história foram utilizados nesta seção para conectar a autenticidade à propaganda e, dessa forma, construir uma narrativa ficcional onde a imagem, sobretudo, as opiniões de Hitler se tornassem a solução para os problemas da Alemanha.

No segundo capítulo, nos detemos sobre um olhar mais teórico acerca da história em *Mein Kampf*. O segundo capítulo tem como nome uma questão: “*Como Adolf Hitler pensou o conceito de história?*” Para responder a essa pergunta, nos voltamos primariamente para historiadores que fizeram interrogações semelhantes. São eles: Christopher Clark e Johann Chapoutot. As contribuições de ambos os autores foram fundamentais para evidenciar a existência de um conceito de história no discurso hitlerista. O historiador francês, Johann Chapoutot, por exemplo, defendeu um retorno de Hitler ao regime da *Historia Magistra Vitae* (Chapoutot, 2012)¹. Por outro lado, o historiador inglês Christopher Clark desenvolveu a tese de que a concepção histórica de Hitler estaria em concordância com o Regime Moderno de Historicidade, porém, tanto Hitler quanto os demais intelectuais nazistas também ambicionavam concluir uma fuga da história (Clark, 2019, p. 209)². Distanciando-nos de

1 Segundo Vinícius Bivar (2013, p. 17), a historiografia diverge acerca da cronologia do antisemitismo de Adolf Hitler. As principais linhas apontam para três momentos principais. O primeiro dedica-se ao período em que Hitler esteve em Linz, o segundo ao período de Viena, conforme *Mein Kampf*, e o terceiro para a época posterior à Primeira Guerra Mundial. Para esse trabalho, nos interessa como Hitler incorporou o antisemitismo como parte fundamental de sua identidade.

2 A expressão “golpe de sorte” faz alusão ao historiador Ian Kershaw, que a utilizou para fazer referência às formas como Adolf Hitler, inesperadamente, conseguiu sair de situações das quais não tinha controle. O uso mais claro da expressão ocorre logo no primeiro capítulo, intitulado “Fantasia e Fracasso” (Kershaw, 2017, p. 32).

ambos os autores, buscamos pontuar que o caráter futurista do discurso hitlerista vai de encontro à tese da *Historia Magistra Vitae*. Por outro lado, concordamos com Clark quanto ao alinhamento de Hitler com o Regime Moderno de Historicidade, o qual, utilizando a terminologia emprestada de Reinhart Koselleck, denominamos “Filosofia da História”. Contudo, a tese de fuga da história demonstra-se frágil conforme aprofundamos no discurso de Hitler. Sobretudo, com as trativas do capítulo um, notamos que a identidade de Hitler sustentava-se no valor dado à história. Com essa perspectiva em mente, o segundo capítulo demonstra uma nova instrumentalização da história conduzida por Hitler. Com auxílio do livro “*Critica e Crise*” (1999) de Reinhart Koselleck, demonstramos que Adolf Hitler, semelhantemente aos iluminados do século XVIII, transformou a história em um campo onde suas projeções de futuro são dadas como vitoriosas e seus inimigos, paralelamente, são derrotados.

Apoiado nos capítulos iniciais, o terceiro capítulo encerra nossa discussão discutindo o sujeito histórico de Adolf Hitler. Nomeado “*A Raça e a História em Mein Kampf*”, o terceiro capítulo inicia sua discussão abordando o tema da raça. A raça e o racismo foram fundamentais no desenvolvimento discursivo de Adolf Hitler, sobretudo no que tange à sustentação da teoria de um *Volksgemeinschaft* racial. Semelhantemente ao primeiro capítulo, na última parte também trabalhamos com a questão da identidade. No entanto, nesse momento, deixamos de tratar do desenvolvimento particular da identidade de um indivíduo e passamos a trabalhar com a identidade de um grupo. Indubitavelmente, a semelhança em ambas as construções identitárias é perceptível. Novamente, Hitler buscou criar elementos que permitissem ligá-lo à raça ariana. Do mesmo modo, ele também estabelece ligações entre os arianos e o povo alemão. Lançados os elementos propagandísticos, Hitler voltou-se mais uma vez para a história em busca de concretude para a sua narrativa ficcional. No que tange à questão racial, Hitler atribuiu aos acontecimentos históricos a condição de existência pela ação do povo ariano. Por sua vez, essa instrumentalização buscou gerar para a raça ariana a titularidade de protagonista da história. Assim, os avanços da humanidade, como a expansão humana por todos os continentes, o desenvolvimento do Estado e a industrialização, passaram a ser atribuídos à ação dos arianos. Em paralelo, crises e derrotas eram vistas por Hitler como ações de povos inferiores, especialmente os judeus. De forma geral, mais uma vez, a história foi submetida à condição de instrumento que visava consolidar uma narrativa ficcional.

1

Em busca de uma autenticidade, a história em meio à propaganda de *Mein Kampf*.

Por que a história desempenhou um papel tão importante para Adolf Hitler em *Mein Kampf*? Ao abrirmos nossa discussão com essa pergunta, nos permitimos elaborar uma breve reflexão que será de grande interesse para todo o nosso trabalho. Tendo sua escrita sido iniciada em 1923 com a prisão de Adolf Hitler. Em suas primeiras páginas, *Mein Kampf*, ou Minha Luta em português, demonstra, sem delongas, o interesse de Adolf Hitler pela história. Em sua primeira citação direta ao termo “história”, Hitler faz referência à morte do livreiro Johannes Palm. Palm foi assassinado pelo exército de Napoleão Bonaparte em 26 de agosto de 1806 na cidade natal de Hitler, *Braunau am Inn* (Hitler, 1983, p. 15; Hartmann *et al.*, 2016, p. 94)³. Embora a referência de Hitler à morte de Palm não pareça ser tão significativa quanto outras citações, como o trecho dedicado ao seu antigo professor de história, Ludwig Pötsch, ou a própria definição de que “aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos” (Hitler, 1983, p. 21). O fato de Hitler citar Palm nos revela particularmente como se deu a sua relação com a história e o porquê dela ser tão importante.

Como o próprio Hitler revela, a morte de Palm se tornou um objeto de grande reconhecimento nos meios germânicos. No ano de 1866, um monumento em homenagem ao livreiro foi erguido na cidade de Munique. A mensagem do panfleto que resultou em sua morte em 1806 também foi transformada em um “bordão” entre grupos patriotas do século XIX. Ultrapassando para o século seguinte, o panfleto também voltou a circular em público ao ser utilizado por jornais da frente de batalha no ano de 1917 (Hartmann *et al.*, 2016, p. 94)⁴. Façamos uma interrupção sobre o panfleto de Palm aqui. Notamos que, ao citar a morte do livreiro, Hitler instiga uma memória coletiva e, além disso, uma memória de orgulho nacional. Essa relação novamente se repete, por exemplo, quando Hitler vai ao encontro do modelo de ensino de história vigente na sua infância.

O ensino da história universal nas chamadas escolas médias ainda hoje deixa a desejar. Poucos professores compreendem que a finalidade do ensino da história não deve consistir em aprender de cor datas e acontecimentos ou obrigar o aluno a saber quando esta ou aquela batalha se realizou, quando nasceu um general ou quando um monarca, quase sempre sem significação, pôs sobre a cabeça a coroa dos seus avós. Não, graças a Deus, não é disso que se deve tratar (Hitler, 1983, p. 21).

³ A citação unicamente de Alfred Rosenberg tem por objetivo destacar que partiu dele a construção da imagem messiânica de Adolf Hitler. Thomas Weber demonstrou que Dietrich Eckart desaprovava a assimilação de Hitler com Jesus Cristo. Como consequência, sua oposição gerou embates e desconfortos na relação com Hitler (Weber, 2019, p. 302–303).

⁴ O título original em alemão foi *Adolf Hitler, sein Leben, seine Reden*

Mais uma vez, tais críticas são compartilhadas por outros indivíduos e grupos populares na Alemanha da época. No caso desse trecho em específico, a crítica de Hitler se assemelha às críticas do presidente da Associação Pan-Alemã, Heinrich Clab. Assim como Hitler, Clab se opôs ao uso de datas e “conhecimentos mortos”. A mesma crítica também foi acolhida por Ernst Toller, um político alemão de esquerda. Para Toller, o problema da história também estava nas datas, as quais eram tratadas como mais importantes do que a compreensão do evento em si (Hartmann *et al.*, 2016, p. 154)⁵. Enfim, notamos que a história é um campo onde indivíduos se encontram e se reconhecem uns aos outros. Não por acaso, ao longo de *Mein Kampf*, Adolf Hitler se apropriou desse campo para buscar consolidar uma identidade para si. Seja por lembrar eventos históricos como a morte de Johannes Palm e a responsabilidade francesa pela sua morte, ou por trabalhar com sentimentos comuns com as massas. No fim, para Adolf Hitler, a história serviu como um instrumento, onde sua narrativa ganhava corpo e identidade.

I. Autenticidade

Nas primeiras páginas de *Mein Kampf*, precisamente no Prefácio, Adolf Hitler determinou que um dos objetivos de seu livro era “destruir as lendas malignas” que teriam sido disseminadas pela imprensa judaica (Hitler, 1983, p. 9). Essa destruição da lenda e, após isso, a recriação de sua imagem, só poderia ser realizada por meio de seu próprio relato (Hitler, 1983, p. 9). Mas, por que Adolf Hitler desejou assumir essa recriação, se desde 1921, como demonstrado por Thomas Weber, quando se tornou ditador do Partido Nacional-Socialista (NSDAP), os responsáveis por construir sua imagem no *Völkischer Beobachter* eram Dietrich Eckart e seu vice, Alfred Rosenberg? Em seu estudo biográfico sobre a vida de Adolf Hitler, intitulado “*Tornando-se Hitler — A construção de um nazista*”, Thomas Weber explicou que, em meados de 1923, antes do Golpe de Estado da cervejaria, Hitler não era publicamente conhecido pelo seu rosto, mas sim pelos seus discursos (Weber, 2019, p. 318–319). Nos anos antecedentes a 1923, Hitler também se recusava a falar sobre seu passado, o que ocasionou diversas brigas internas no Partido Nazista. A única exceção, como nos revela Weber, foi Helene Hanfstaengl, esposa de Ernst Hanfstaengl, um admirador de Hitler e responsável por apresentá-lo a Helene (Weber, 2019, p. 293–296).

⁵ Ian Kershaw, em sua biografia sobre Adolf Hitler, utiliza primeiramente o termo em alemão: *Großdeutsch Volksgemeinschaft* (Kershaw, 2017, p. 183).

Pouco se sabe sobre o grau de atração que Adolf Hitler sentiu por Helene Hanfstaengl, mas, como demonstrado, ele sentiu que a casa de Ernst e Helene era seu lar adotivo em Munique, cujas relações eram mais importantes do que as que ele compartilhou com sua irmã (Weber, 2019, p. 295, 300–301). Até onde nos foi revelado, Hitler falou para Helene sobre seu relacionamento com os seus pais, sem mencionar que havia tido irmãos, assim como sua história antes de Viena e após chegar a Munique. Ao longo de suas páginas, Thomas Weber declarou que Adolf Hitler pouco conversava sobre suas experiências em Viena. O problema com Viena não estava no receptor dos diálogos. Hitler, em ocasiões para além das conversas com Helene, afirmou ter chegado a Munique em 1912, enquanto provas, que detemos na atualidade, indicam que ele, na verdade, só pode ter entrado na cidade bávara em 1913 (Weber, 2018, p. 296).

No segundo capítulo da primeira parte de *Mein Kampf*, chamado “Anos de aprendizado e de sofrimento em Viena”, Adolf Hitler remete a esse tempo como “[...] viva lembrança dos mais tristes tempos da minha vida. Ainda hoje, essa capital só desperta em mim pensamentos sombrios. Cinco anos de miséria e de sofrimentos, eis o que significa a minha estadia nessa cidade de prazeres” (Hitler, 1983, p. 26). Segundo Hitler, também foi na capital austriaca que ele foi apresentado aos “perigos” do judaísmo e ao marxismo, os quais ele alegou mal conhecer antes de Viena (Hitler, 1983, p. 26). É bem verdade, como demonstrou a historiadora Brigitte Hamann, em seu livro “*Hitler’s Vienna — A dictator’s apprenticeship*”, que Adolf Hitler teve contato com diversos judeus antes de chegar a Viena, inclusive recebendo tratamento do médico judeu, Dr. Eduard Bloch, após ter adquirido uma enfermidade em um período posterior à morte de seu pai, Alois Hitler (Hamann, 1999, p. 20). Entretanto, isso não significa dizer que antes de Viena, Hitler era totalmente tolerante para com os judeus. Ainda hoje, a historiografia debate sobre o período exato em que Adolf Hitler tornou-se um antissemita convicto⁶.

6 Nesse trecho, Thomas Weber não deixa explícito se a questão racial que Hitler não teve foco antes de 1923 era exclusivamente em relação à sub-humanização dos eslavos ou se também incluía os judeus. Devido ao trecho estar inserido em uma discussão sobre os eslavos e a expansão para o leste, acreditamos que ao utilizar essa terminologia, Weber não pretendeu englobar os judeus. Esse problema terminológico ocorre, pois o Programa do Partido Nacional-Socialista (NSDAP), lançado em 1920, já mencionava a questão racial. Sobre isso, Weber afirma que Adolf Hitler não parece ter tido uma grande relevância na formulação do programa do partido. Hitler, continua Weber, anunciou o programa, pois era “o principal ‘vendedor’ do DAP”. Por fim, ele argumenta que o caráter antissemita do programa advém majoritariamente do Partido dos Trabalhadores Alemães — DAP (Weber, 2019, p. 183–184). Outro elemento que contribui para esse desentendimento é a carta de 1919 escrita por Hitler para Adolf Gemlich, onde o futuro ditador aborda o antissemitismo como um problema biológico. Sobre a carta, Weber afirma que “a súbita conversão de Hitler no verão de 1919 para o antissemitismo radical não foi somente uma consequência direta, mas uma função de sua missão de construir uma Alemanha resistente a choques externos e internos contra o sistema”. Nessa perspectiva, em 1919, o racismo e o antissemitismo não eram os responsáveis por impulsionar as opiniões de Hitler, mas uma forma “de evitar uma derrota alemã e construir um Estado que facilitasse esse objetivo (não ser derrotado novamente)” (Weber, 2019, p. 152).

Notoriamente, antes de 1923, Adolf Hitler não desejou falar sobre suas experiências passadas. Sua contrariedade para falar de si era tamanha que o falseamento da data de sua chegada a Munique não foi um problema. Como bem pontuou Weber, até então, a estratégia de não revelar seu rosto havia funcionado em Munique. Sobretudo, ao garantir a contínua existência da NSDAP na Baviera. Em contraste ao estado bávaro, os estados de Hesse e da Prússia haviam banido o Partido Nacional-Socialista de seus territórios. A existência do NSDAP na região de Munique foi ancorada por meio de acordos mentirosos com partidários tanto do campo defensor da Monarquia, quanto do campo antagônico ao primeiro, o dos defensores da República. Durante esse período, a forma de atuação de Adolf Hitler consistiu na realização de discursos abertos à interpretação. Esse método concedeu aos partidos a possibilidade de criar e de apegar-se à alegoria de um Hitler que pleiteasse as suas causas (Weber, 2019, p. 306).

No entanto, na segunda metade do ano de 1923, após o “golpe de sorte”⁷ de não ser banido da Baviera, devido à defesa improvável do Partido Social-Democrata, Hitler alterou totalmente a sua estratégia (Weber, 2019, p. 311–312).

Até então, Dietrich Eckart e, principalmente, Alfred Rosenberg, o qual foi posto, sob ordem direta de Adolf Hitler, no cargo de editor-chefe do *Völkischer Beobachter*, eram os responsáveis por cuidar da imagem de Hitler. A linha editorial da revista do NSDAP preocupava-se em transformar o homem sem rosto, também conhecido como Adolf Hitler, no salvador da Alemanha. Conforme a narrativa do *Völkischer Beobachter*, elaborada por Alfred Rosenberg⁸, apoiada pelo líder do Partido, o objetivo era transformar o ditador do NSDAP em uma figura messiânica tão importante quanto foi Jesus Cristo (Weber, 2019, p. 302–303).

Obstinado a tornar-se o novo “messias” e elevar-se ao cargo de líder revolucionário conservador de toda a Alemanha, Hitler arrogou para si o dever de tornar a sua imagem conhecida. Para alcançar seus objetivos, uma de suas primeiras ações foi ordenar que os principais veículos de imprensa do NSDAP utilizassem de sua capacidade para divulgar

Devemos relembrar que, como demonstrado acima, a origem do antisemitismo de Hitler ainda é alvo de grande debate na historiografia.

7 O texto de referência trata-se do capítulo final da obra “Tempo e Poder: Visões da história na Política Alemã desde a Guerra dos Trinta anos ao Terceiro Reich”, a qual, até onde obtivemos conhecimento, não possui tradução para o português. Portanto, as traduções livres do título do livro e do capítulo são de inteira responsabilidade nossa. Para essas traduções, utilizamos como referencial tanto a versão em inglês, intitulada, respectivamente, *Time and Power: Vision of History in German Politics, from the Thirty Years' War to the Third Reich* e *Time of the nazis*, quanto a versão em espanhol, cujos títulos em sequência são: *Tiempo y Poder: Visiones de la Historia desde la guerra de los Treinta Años al Tercer Reich* e *El tiempo de los nazis*.

8 A tradução do trecho é de nossa autoria. No original, em inglês, a citação é “*The National Socialist regime did not seek to revolutionise the paradigm of linear history from within, powering it up for the needs of an all-transforming party, but rather sought to evade history altogether, to slip out of it into the racial continuum-time of a transhistorical memory.*”

amplamente fotos capturadas de seu rosto, para criar o imaginário de um líder jovial e enérgico. Do mesmo modo, o líder nacional-socialista também decidiu publicar uma coletânea impressa de seus discursos que haviam sido proferidos para o grande público. Permanecendo no campo editorial, outra ação de Adolf Hitler consistiu na escrita de seu primeiro livro autobiográfico, o qual precedeu e lançou base para *Mein Kampf*. Publicado com o título “*Adolf Hitler: sua vida e seu discurso*”⁹, o conteúdo do livro consistia em uma promoção imagética exacerbada de seu autor. No entanto, a união de uma narrativa que exaltava a si próprio com o gênero literário autobiográfico não era bem vista no meio conservador da época. Por isso, Hitler decidiu omitir sua autoria, assim ocasionando uma publicação com o nome de um terceiro. A falsa autoria do livro foi assumida por um aristocrata antisemita chamado Victor von Koerber. Contudo, toda a manipulação tornou-se inútil quando o primeiro livro de Hitler foi banido semanas após sua publicação em todo o território nacional alemão (Weber, 2019, p. 320–324).

A construção de uma identidade mentirosa foi um claro desejo de Adolf Hitler. Em seu artigo, Andreas Wirsching demonstra que “a autobiografia de Hitler em *Mein Kampf* segue, em sua estrutura, o modelo do romance de desenvolvimento e formação burguês”. (Wirsching, 2018, p. 388)¹⁰. Prosseguindo em sua análise, Wirsching definiu que esse modelo de romance reforçava o individualismo. Por sua vez, as origens do modelo romântico poderiam datar do Renascimento, porém foi a partir do século XVIII que houve um aumento significativo na “importância da individualidade pessoal, das novas possibilidades de autorrealização autônoma e de uma relação eu-ambiente [...]” (Wirsching, 2018, p. 388–389)¹¹. Categoricamente, o historiador alemão define que “o conceito de autenticidade [...] remete, portanto, ao desenvolvimento da subjetividade moderna, à virada subjetiva da Idade Moderna e suas formações românticas” (Wirsching, 2018, p. 389)¹².

Em continuidade à sua exploração acerca da mentira que o ditador do NSDAP tomou como identidade, Wirsching também nos revelou que a questão da criação de uma identidade autêntica perpassou publicações autobiográficas desde o século XIX. Indicando, portanto, que

9 Aqui, o termo *Volk* não pode ser traduzido para “Povo”, como foi feito na tradução em espanhol. No subcapítulo “O triunfo da profecia sobre a contingência”, Clark deixa claro o uso do termo ao dizer: “Uma temporalidade centrada no *Volk* — não como população, mas com essência racial trans-histórica — forçosamente, teria que ser, por natureza, anti-progressista e anti-evolutiva” (Clark, 2019, p. 199. Na versão em espanhol, o trecho se encontra entre as notas 68 e 69).

10 A numeração de página utilizada é referente ao livro físico da edição crítica de *Mein Kampf*. Essa edição está disponível gratuitamente na internet. Na versão online, a citação utilizada pode ser encontrada na página 332 do primeiro volume. Cabe ressaltar que o material está disponível exclusivamente em alemão.

11 O ano em questão faz referência às guerras de libertação contra a França de Napoleão.

12 Hitler não faz diferenciação entre as duas guerras dos Bôeres, por isso incluímos os anos finais correspondentes a cada guerra.

incluir a construção de uma identidade em uma publicação autobiográfica não foi concebido originalmente, nem utilizado exclusivamente por Adolf Hitler (Wirsching, 2018, p. 390). Ao demonstrar a influência do tempo sobre os escritos de Adolf Hitler, adentramos na importante discussão que nos esclarecerá como o ditador do NSDAP compreendeu o conceito de história. Ao optar pela escrita biográfica, Hitler escolheu escrever sobre o passado distintamente das formas como os historiadores dos séculos XIX e XX escreveram. Sua visão de passado foi construída através do que o historiador Roger Chartier chamou de “fábula”. Isto é, uma escrita ficcional que consegue se sobrepor aos textos de historiadores, principalmente, ao proporcionar para as massas um “encontro com o passado” (Chartier, 2022, p. 39–43).

Adolf Hitler construiu uma visão de passado similar a romances e peças teatrais, o que podemos agrupar como “Literatura”. Como foi dito por Roger Chartier, a literatura e a biografia possuem similaridades, sobretudo, por se afastarem da história feita pelos historiadores dos séculos XIX e início do século XX, e agarrarem-se em uma “realidade profunda” que busca tornar a história do biografado, ou do protagonista, no caso das peças teatrais, um espelho de história de vida para seus leitores e público (Chartier, 2022, p. 47–49). A falsa identidade construída por Adolf Hitler se desenvolveu em virtude de seu pouco compromisso com a realidade factual, característica das fábulas e da escrita ficcional. Ao optar por mentir, Hitler intencionalmente escolheu manipular e ocultar fatos passados de sua história pessoal. Através dessa ação, o líder do NSDAP utilizou-se da permissão do gênero biográfico para empreender lições gerais a partir de uma história individual (Revel, 2010, p. 237–238). Não por acaso, essas lições ligaram-se diretamente à imagem messiânica de Hitler.

Nos meses finais de 1923, Adolf Hitler acreditava ter para si poder político suficiente para sobrepujar o governo bávaro e marchar sobre Berlim, semelhante ao que Mussolini havia concretizado no ano anterior sobre Roma. No entanto, o apoio que Hitler acreditou que teria ao iniciar o golpe era ilusório. Na verdade, o chefe do NSDAP era visto pelas lideranças nacionalistas como uma peça a ser substituída no jogo político. O Golpe de Estado da cervejaria, iniciado em 08 de novembro de 1923, foi um fracasso. O Partido Nacional-Socialista, dominado por Hitler, foi banido antes que aquele dia se encerrasse. No dia seguinte, Hitler foi preso na casa de Helene Hanfstaengl. Primeiro foi levado para uma prisão em Weilheim, depois, enfim, chegou à Prisão de Landsberg. (Weber, 2019, p. 341–345).

Apesar de seus esforços nos últimos meses, Adolf Hitler não havia conseguido tornar-se o “Messias da Alemanha”. Thomas Weber nos conta que, até o seu julgamento, Hitler era visto como um “assessor de Ludendorff” e não o líder da tentativa golpista. No entanto, com o julgamento, Hitler aproveitou-se do alcance nacional para novamente almejar uma

autopromoção. Enquanto os demais réus buscavam se provar como inocentes e tornar Hitler a mente por trás da empreitada golpista, Hitler tomou para si essa função, ainda que essa atitude tenha lhe assegurado uma sentença maior. Ao fim, como disse Weber, o golpe que era conhecido como o “*Putsch* de Ludendorff” ficou conhecido como o “*Putsch* de Hitler” e o suposto perpetrador do golpe tornou-se um político conhecido em toda a Alemanha, como havia desejado (Weber, 2019, p. 348–350).

II. Propaganda

O julgamento que concedeu a Adolf Hitler uma estadia temporária na prisão de *Landsberg* também serviu a Hitler como palco para que recebesse o reconhecimento nacional da direita nacionalista e do movimento *völkisch*, os quais o presidiário de *Landsberg* já simpatizava. Contudo, o reconhecimento do movimento *völkisch* não foi um indicativo de união na ala de extrema-direita da Alemanha ou de um reavivamento do NSDAP. As eleições para o *Reichstag* em 1924 renderam ao movimento racista 6,5% do parlamento alemão. No entanto, o NSDAP, banido desde a noite do golpe, e, naquele momento, sob a liderança de Alfred Rosenberg, por ordem do próprio Hitler, não ocupou mais do que dez cadeiras. Segundo o historiador inglês Ian Kershaw, desde a prisão de Hitler, o partido havia se desmembrado. Rosenberg, em uma tentativa de manter parte do NSDAP atuando na legalidade, fundou a “Grande Comunidade Nacional Alemã” (GVG)¹³. No entanto, nem todos os membros do Partido Nazista o seguiram. Muitos dos participantes do quadro do agora banido Partido Nazista acabaram ingressando em uma entidade rival do GVG, o “Partido da Liberdade do Povo Alemão” (DVFP). Foi justamente a DVFP que manteve a maioria de 22 assentos no *Reichstag*, em comparação aos dez do NSDAP (Kershaw, 2017, p. 183–184).

Ao biografar a vida de Adolf Hitler, Ian Kershaw explicou que, durante o período em que os partidários do NSDAP discutiam sobre uma fusão com o partido rival, Hitler acabou escolhendo sair da política até ser libertado da prisão. Segundo Kershaw, o objetivo de Hitler era dedicar-se integralmente à escrita de *Mein Kampf*. A ausência do agora preso acabou por agravar ainda mais a crise no movimento *völkisch*, o que, posteriormente, gerou a Hitler um maior reconhecimento na direita nacionalista (Kershaw, 2017, p. 181–186). Possivelmente, esse reconhecimento tornou-se mais concreto devido ao desenvolvimento de concepções e

13 Em nota, os editores da edição crítica de *Mein Kampf* assinalam que, devido à idade de Hitler à época, é pouco provável que ele tenha de fato acompanhado a guerra como sugere. Segundo os editores, possivelmente o contato que Hitler teve com a guerra ocorreu mediante “escritos coloniais populares da época, que eram voltados para jovens leitores” (Hartmann *et al.*, 2016, p. 444. Na versão online, a discussão está na página 166).

aprofundamento de ideias feitas por Hitler durante sua estadia em *Landsberg*. Conforme o historiador alemão Thomas Weber, foram nos dois volumes de *Mein Kampf*, publicados separadamente em 1925 e 1926, respectivamente, que Adolf Hitler aprofundou conscientemente suas ideias. Como dito anteriormente, e Weber também destacou essa questão em suas anotações, a narrativa desenvolvida em *Mein Kampf* transforma o limiar entre o real e o ficcional em uma névoa repleta de mentiras. Novamente, ao mentir e manipular sua história, Hitler transforma sua vida em um modelo a ser seguido, ou melhor, em seu programa político (Weber, 2019, p. 353–355).

Theodor Adorno, em seu trabalho sobre a propaganda fascista e a teoria freudiana, demonstrou que a idealização da imagem de Hitler teve como colaborador o “conflito do ego”, também chamado de “conflito moderno característico”. Conforme Adorno, o fim desse conflito acabou por fortalecer aspectos narcisistas nos indivíduos modernos, os quais só poderiam ser superados por meio da idealização do objeto de admiração, no nosso caso, Adolf Hitler¹⁴. Por sua vez, a vida do líder e a sua imagem passam também a ser parte da vida do indivíduo admirador, contudo não se trata de uma vida imperfeita condicionada a falhas, ao contrário, o líder representa a vida infalível e perfeita. No entanto, nos lembrou Adorno, para que essa conexão aconteça, não basta a imagem do “homem perfeito”. A idealização do líder ocorre a partir do equilíbrio entre a imagem de perfeição e a do sujeito comum. Adorno nos mostrou que a propaganda fascista estabeleceu o conceito de “pequeno grande homem” para explicar como essa dualidade entre a perfeição e o sujeito comum ocorre. Através desse modo dual de observar o líder, o indivíduo que o admira passa a projetar-se tanto como a autoridade do líder quanto como o servo dele (Adorno, 1951)¹⁵. O conceito de “pequeno grande homem” da propaganda fascista aparece logo nas páginas de abertura de *Mein Kampf*. Nessas páginas, Adolf Hitler escolheu iniciar o livro da seguinte forma:

“Considero hoje como uma feliz determinação da sorte que *Braunau am Inn* tenha sido destinada para o lugar do meu nascimento. Essa cidadezinha está situada nos limites dos países alemães cuja volta à unidade antiga é vista, pelo menos *por nós jovens*, como uma questão de vida e de morte” (Hitler, 1983, p. 15, destaque nosso).

As escolhas de palavras não ocorrem sem intenção. Como foi bem lembrado por Adorno, na psicologia fascista, a manipulação ocorre através do que não parece importante, ou nas palavras do autor, que pareça “ingênuo”, entretanto trata-se de “técnicas calculadas racionalmente” (Adorno, 1951)¹⁶. Thomas Weber destacou parte dessa manipulação quando

14 A versão online corresponde à página 332 do segundo volume.

15 A versão online corresponde à página 334 do segundo volume.

16 A informação citada pode ser encontrada entre as citações 16 e 17.

abordou acerca de como Hitler reinventou atos do passado para atingir um objetivo político, principalmente, ao superdimensionar sua atuação na Primeira Guerra Mundial. Para Adolf Hitler, omitir sobre sua irrelevância nas trincheiras foi essencial para transformar a guerra em seu teatro de formação pessoal (Weber, 2019, p. 355). Ao relembrar esse episódio em *Mein Kampf*, o então presidiário de *Landsberg* decidiu iniciar sua rememoração da seguinte forma:

Começou [a guerra] então para mim, como provavelmente para todos os outros alemães, a mais inesquecível e a maior época da minha vida. Comparado com a luta titânica que se travava, todo o passado desaparecia inteiramente. *Com orgulho e saudade, recordo-me, justamente nesses dias em que se passa o 10º aniversário daqueles formidáveis acontecimentos, das primeiras semanas daquela luta heroica de nosso povo, na qual, graças à benevolência do destino, me foi dado tomar parte.* (Hitler, 1983, p. 111, destaque e acréscimo nosso).

Nota-se que, ao falar sobre o início da guerra, Hitler escolheu utilizar expressões como “para todos os outros alemães” e “luta heroica do nosso povo”. Ao escolher tais expressões, Hitler novamente buscou usufruir da psicologia fascista e do conceito de “pequeno grande homem”. Ainda que os trechos destaquem sua atuação como sujeito comum, de maneira implícita, Hitler também almejou dar espaço para sua autocriação imagética como líder superior aos demais indivíduos, principalmente ao destacar a recordação da Primeira Guerra como objeto de “orgulho e saudade”. A evidente importância dos usos das terminologias em *Mein Kampf* ganha mais contornos, novamente, diante da análise de Thomas Weber.

No último capítulo de seu livro, intitulado *Lebensraum*, além de realizar uma análise de *Mein Kampf*, Weber compara como determinados termos tiveram mais ou menos aparições entre a primeira e a segunda parte do livro. O próprio termo que dá nome ao capítulo (*Lebensraum*) foi um dos analisados pelo autor. Segundo Weber, enquanto Lenin e Erwin von Scheubner-Richter estavam vivos, o termo não detinha nenhuma significação para Hitler. No entanto, sobretudo com a morte de Lenin, Hitler principiou o concebimento da ideia de uma aliança entre a Alemanha e a Monarquia Russa. Para Hitler, a morte de Lenin teria sido um indicativo da iminente queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No entanto, sua análise provou-se totalmente equivocada. Diante da não realização de sua análise, Hitler passou a conceber a ideia de invasão e ocupação do território russo. Nesse sentido, *Lebensraum*, que significa “espaço vital”, tornou-se peça fundamental para o pensamento hitlerista (Weber, 2019, p. 358–361).

Concomitantemente à teoria do espaço vital, a teoria racial de Hitler também ganhou aprofundamento. Como apontado por Weber, durante a escrita de *Mein Kampf*, a teoria racial compunha uma das formas de solucionar problemas geopolíticos. Até então, a geopolítica tinha uma importância maior do que o racismo. O historiador alemão também afirma que,

antes de *Mein Kampf* e do golpe de 1923, a questão racial não detinha tanta importância na agenda de Adolf Hitler¹⁷. Weber indica que ainda é de extrema dificuldade determinar quando Hitler deu início à sua teoria racial. No entanto, diante do conceito de *Lebensraum*, Hitler necessitava de uma justificativa para a invasão dos territórios ao leste. Ao demover os eslavos da categoria de humanos para “sub-humanos”, Hitler atingia essa justificativa de ocupação e colonização do espaço vital. Ainda de acordo com Weber, a terminologia “raça” passou a ser mais utilizada na segunda parte do livro, escrita nos meses finais de 1926, tendo um aumento de 40% (Weber, 2019, p. 355–364).

Guiado pela análise comparativa acerca do aumento ou diminuição de determinados termos em ambos os volumes de *Mein Kampf*, cabe ressaltar alguns exemplos. Primeiro, começemos com as terminologias que tiveram uma queda de citações quando comparadas com o segundo volume. Weber destaca, principalmente, três termos que fazem referência ao “pangermanismo”, ao anticapitalismo e, surpreendentemente, ao judaísmo. Segundo o historiador alemão, o termo “pangermanismo” teve uma queda de citações significativa, cerca de 96%. Enquanto os termos que faziam referência à posição anticapitalista de Hitler tiveram uma queda de 49%. E, de maneira surpreendente, os termos que faziam referência ao judaísmo no primeiro volume de *Mein Kampf* tiveram uma queda de 50% de citação no segundo volume do livro. Agora, analisando os termos que tiveram um aumento, podemos citar os termos “Nacional-socialismo” e “Movimento”, que aumentaram em 102%. “Estado”, “Potência”, “Guerra”, “Nação” e “Povo” tiveram um aumento para 90%, 44%, 31%, 27% e 26%, respectivamente. Weber também destaca que os termos “1918” e “Versalhes” aumentaram cerca de 179%, enquanto a terminologia “luta” permaneceu constante em ambos volumes (Weber, 2019, p. 362–363).

Em seu livro “Tornando-se Hitler — A Construção de um Nazista”, Thomas Weber aprofundou ainda mais acerca dos termos usados por Hitler. As referências ao Império dos Habsburgos e à Áustria, tão importantes e recorrentes no primeiro volume, praticamente desapareceram no segundo. Em contraponto, citações sobre a Grã-Bretanha, Estados Unidos e o Ocidente em geral, assim como à URSS, tiveram um crescimento de mais de 100% no segundo volume quando comparado ao primeiro (Weber, 2019, p. 363). Como foi dito anteriormente, consoante a Theodor Adorno, ao utilizar determinados termos e não outros, Adolf Hitler buscou consolidar por meio da propaganda sua autoimagem. A narrativa derrotista de Hitler, como uma narrativa padrão de um derrotado, necessitava de uma

17 As citações acerca do “pequeno grande homem” e a formação do homem perfeito, ou “super-homem”, como foi utilizado por Adorno, podem ser encontradas entre as citações 21 e 24.

retomada maior ao passado (Koselleck, 2014, p. 63–64). A escolha de determinados termos possui uma intenção, nem mesmo a terminologia “história” escapou de Hitler. O desenvolvimento da propaganda realizada por Hitler requer a história. Como nos lembra o historiador teórico Reinhart Koselleck, “direta ou indiretamente, toda história trata de experiências próprias ou alheias”. Seguindo com Koselleck, algumas experiências que Hitler escolheu relatar em *Mein Kampf* podem ser enquadradas na categoria de “experiência primordial”. Vale ressaltar que esse enquadramento, sobretudo, com uma pesquisa direcionada a esse tema, pode tornar-se uma premissa para entender a construção do relato de Hitler, o que não é o foco do presente trabalho. Ao definir a “experiência primordial”, Koselleck afirma que “somente quem é pego de surpresa pode ter uma experiência”. O teórico alemão também afirma que tal modelo de experiência é fundamental para a existência de biografias e da história, por isso ele escolheu denominá-la de “primordial” (Koselleck, 2014, p. 33). Em *Mein Kampf*, por tratar-se de um modelo biográfico, a forma de experiência em questão aparece de distintas maneiras, porém, majoritariamente, ela tende a acompanhar os momentos de “revelação” de Hitler. Por exemplo, a surpresa da experiência aparece durante sua permanência em Viena, tendo sido nesse período em que ele alegou conhecimento dos “perigos” do judaísmo e do marxismo (Hitler, 1983, p. 26). Tal imediatismo também aparece quando Hitler alegou ter tomado conhecimento do “verdadeiro sentido da história” (Hitler, 1983, p. 19).

III. A palavra “História”

Através dos subcapítulos anteriores, foi possível entendermos que os problemas da “autenticidade” e “publicidade” partilham uma extensa ligação dentro de *Mein Kampf*. Também vimos que ambas as questões relacionam-se de algum modo com a história. Em grande medida, a história foi usada em situações nas quais, Hitler virou-se para o passado para manipulá-lo de modo a fortalecer sua identidade. Consequentemente, como vimos, também era objetivada com o retorno à história a consolidação da ideia publicitária do “pequeno grande homem”. Diante dessa exposição, torna-se evidente que a história, em especial, o olhar lançado sobre o passado, ocupou um campo fundamental na narrativa de Adolf Hitler. Dentro deste trabalho, entendemos que a história foi uma ferramenta utilizada por Adolf Hitler na sua busca por consolidar sua identidade e realizar sua autopromoção. Como bem pontuou Thomas Weber, a história foi utilizada como “um meio para chegar a um fim” (Weber, 2019, p. 365). Nesse sentido, entender “como”, “quando” e o “porque” Hitler

utilizou o termo “História” torna-se de extrema importância para a compreensão de uma linha que perpassa e estabelece diálogos significativos com a “autenticidade” e a “publicidade”.

A terminologia “História” aparece de diferentes maneiras em *Mein Kampf*. Na décima nona página, pertencente ao capítulo um do primeiro volume, Hitler, abordando sua infância, utiliza o termo para afirmar que há um “sentido verdadeiro” para entender a história (Hitler, 1983, p. 19). Duas páginas depois, Hitler voltou a empregar a palavra para, em um primeiro momento, afirmar que as “escolas médias” de sua época não ensinavam a disciplina de história da forma “correta”, por isso, acabavam não sendo suficiente. Na sequência, há mais um uso para definir como se deve aprender a história. “Aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos” (Hitler, 1983, p. 21). Retornando para o início do capítulo, especificamente na página 15, Hitler, ao falar sobre *Braunau am Inn* e a morte de Johannes Palm, aborda o termo da seguinte forma: “Há mais de cem anos, esse modesto ninho, cenário de uma tragédia cuja significação todo o povo alemão comprehende, *conquistou, pelo menos, na história alemã, o direito à imortalidade.*” (Hitler, 1983, p. 15, destaque nosso).

Os exemplos acima nos servem como ilustrações das distintas formas como o termo “História” aparece em *Mein Kampf*. Nota-se que, em menos de vinte e cinco páginas, a palavra é empregada para diferentes fins. Quando saímos do primeiro capítulo, os empregos observados permanecem por todo o livro, porém novas finalidades são acrescidas. A título de ilustração, ao final do livro, Hitler novamente retorna ao termo “História”. No entanto, enquanto rumava para a conclusão de seu manifesto, atribuiu-se à “História” a capacidade de funcionar como um “Tribunal do Tempo”, o qual consegue julgar e punir no futuro ações praticadas no presente.

“A história, porém, exigirá que compareçam perante o seu Tribunal aqueles que hoje, donos do poder, pisam o direito e a lei, que conduziram o nosso povo à miséria e à desgraça e que, em um período de infelicidade para a Pátria, estimam mais o seu eu do que a vida da coletividade.” (Hitler, 1983, p. 426)

O entendimento da história como um tribunal não foi exclusivo de Adolf Hitler. Ainda na atualidade, essa ligação recorrentemente faz-se presente nas discussões públicas. O filósofo francês Paul Ricœur, ao discutir as condições que tornam a disciplina “História” possível, dedicou um subcapítulo para debater acerca da relação entre historiadores e juízes. A partir das reflexões de Ricœur, ao passo que o juiz encerra um caso proferindo uma sentença, somente o historiador e a história podem suprir o novo tempo que se inicia com a memória ressentida, “não apaziguada, não purgada” do condenado (Ricœur, 2007, p. 335). Ao

determinar a “História” como um tribunal, é possível que Adolf Hitler desejasse que a história se transformasse em um palco de seu revisionismo. Por meio desse palco, o infligimento da culpa da derrota alemã e de sua consequente submissão ao Tratado de Versalhes recairia exclusivamente sobre seus inimigos, a República de Weimar, o Judaísmo e o Comunismo. Como bem lembrou Pierre Vidal-Naquet, em “Os Assassinos da Memória”, “o ‘revisionismo’ mostra-se como um empreendimento de ‘desrealização’ do discurso, e sua literatura é um pastiche, um pastiche da História” (Vidal-Naquet, 1988, p. 177–178).

É também digno de nota a relação que Adolf Hitler estabeleceu entre a “História” como um tribunal e a noção de eternidade, mediante um sistema de punição que só se tornaria concreto em um futuro. Como vimos anteriormente, essa ligação já havia aparecido quando Hitler afirmou que em seu local de nascimento ocorreram eventos que deveriam ser lembrados para sempre na história alemã. Voltando-se ao primeiro volume, a relação entre “História” e “Eternidade” em *Mein Kampf* é incrementada por meio da definição de que a “história pertence aos heróis” (Hitler, 1983, p. 67). Ao estabelecer que a história pertence e lembrar-se-á somente dos heróis, Hitler impôs sobre a história o papel desempenhado pelo canto das *musas* da antiguidade, as quais retratam feitos heroicos, enquanto “falam o que é, o que será e o que foi” (Hartog, 2023, p. 69). Essa imposição sobre a história ganha mais clareza diante da escrita de *Mein Kampf*.

A arte de pensar pela história, que me tinha sido ensinada na escola, nunca mais me abandonou. A história universal tornou-se, para mim, cada vez mais, uma fonte inesgotável de conhecimentos para agir no presente, isto é, para a política. Eu não quero aprender a história por si, mas, ao contrário, quero que ela me sirva de ensinamento para a vida (Hitler, 1983, p. 22).

Semelhante às *musas* da antiguidade, a história assume o dever de falar sobre o passado, mas, além disso, ela também serve como indicativo para o presente. Retomando os trabalhos de Theodor Adorno e Thomas Weber, em *Mein Kampf*, a história, tanto o seu termo quanto seu relato sobre o passado, tornou-se a ferramenta de legitimação para Hitler manipular eventos do passado e lançar-se como o “messias” e líder da Alemanha. Essa legitimação aparece, por exemplo, quando Hitler afirmou que um “chefe político” só poderia atuar como líder se soubesse entender a história da mesma forma que ele mesmo entendia.

Não se estuda, porém, a história para não recordar os seus ensinamentos quando é chegada a hora de aplicá-la praticamente ou para pensar que as coisas agora são outras e que, portanto, as suas verdades não são mais aplicadas, mas aprende-se dela justamente o ensino útil para o presente. Quem não consegue isso, não deve ter a pretensão de ser chefe político. Esse é, na realidade, um idiota superficial e muito convencido e toda boa vontade não desculpa a sua incapacidade prática. (Hitler, 1983, p. 83)

Ao limitar o que um líder deve ou não realizar, Hitler, mais uma vez, arroga-se de uma narrativa que o toma como protagonista. Ao incluir a história em sua fábula, Adolf Hitler redireciona sua narrativa para a construção da sua autenticidade, afinal, como nos lembrou Andreas Wirsching e como foi exposto acima, em 1924, durante a escrita do primeiro volume de *Mein Kampf*, Hitler necessitava de uma identidade política e ideológica que o lançasse novamente de volta à política (Wirsching, 2018, p. 398). Do mesmo modo, ao limitar a “forma correta de aprender a história” em si, Hitler retira qualquer legitimidade de seus adversários, assim se autoimpondo sobre o imaginário coletivo como objeto exclusivo de idealização. Lembrando Theodor Adorno, o líder, na visão de seus admiradores, é o sujeito ideal, perfeito e sem impurezas (Adorno, 1951)¹⁸; por sua vez, foi a partir dessa formulação que Hitler se apresentou em *Mein Kampf*. Reconhecido pela sua excelente oratória, o presidiário de *Landsberg* também utilizou desse reconhecimento para ressaltar a sua identidade e se autopromover.

Só uma tempestade de paixão escaldante é que consegue torcer o destino dos povos; mas só consegue provocar entusiasmo quem o possui no seu íntimo. Só esse entusiasmo inspira aos seus eleitos as palavras que, como golpes de martelo, conseguem abrir as portas do coração de um povo.

Não é escolhido para anunciador da vontade divina aquele a quem falta a paixão e mantém-se em um silêncio cômodo (Hitler, 1983, p. 76, destaque nosso).

Notoriamente, ao fazer referência à sua habilidade, Hitler não busca mais utilizar somente a história como meio de legitimação; aqui, ele amplia seu campo de legitimidade para a própria vontade divina. Como bem demonstrou Thomas Weber, a referência recorrente a Deus e a temas bíblicos em *Mein Kampf* é totalmente sustentada na construção narrativa de autopromoção, na qual Adolf Hitler retrata a si como uma “pessoa genial” que, após a Primeira Guerra Mundial, “decidiu entrar na política e salvar a Alemanha” (Weber, 2019, p. 355–356); evidentemente, sua suposta genialidade e ascensão também são creditadas à Providência Divina. No entanto, em sua fábula, Hitler não só recebeu benefícios da Providência Divina, como também tornou concreta a vontade de Deus, ao combater diretamente o judaísmo.

Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana e, então, o planeta vazio de homens, mais uma vez, como há milhões de anos, errará pelo éter.
A natureza sempre se vinga inexoravelmente de todas as usurpações contra o seu domínio.

¹⁸ As informações retratadas podem ser localizadas entre as notas 35 e 36. O parágrafo que consta a citação inicia-se da seguinte forma: “A chamada psicologia do fascismo é, em sua maior parte, produto de manipulação [...]”.

Por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador Onipotente. *Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus.* (Hitler, 1983, p. 52, destaque nosso)

Para conseguir interligar a Providência Divina e a história com a sua experiência de vida, Hitler utilizou uma palavra de grande significação: destino. Ao utilizar essa terminologia, Adolf Hitler conseguiu tornar verossímil a vontade de Deus em sua história de vida. Entretanto, ao mesmo tempo, “Destino” também é utilizado quando Hitler aborda outros temas, como a queda dos Habsburgos (1983, p. 69), a eliminação de uma raça (1983, p. 70) ou o início da Primeira Guerra Mundial (1983, p. 111). Recorrentemente, Hitler empregou o termo para questionar o regime dos Habsburgos. Em sua fábula, as ações de não permitir a germanização do povo austríaco praticada pelos comandantes do Império Austro-Húngaro teriam destinado a Áustria a entrar em confronto com os alemães, o que, segundo Hitler, causaria a “infelicidade” do segundo grupo (Hitler, 1983, p. 22). Do mesmo modo, na visão de Hitler, os austríacos, ao se depararem com as falhas dos Habsburgos, teriam aprendido que os Habsburgos haviam completado sua “missão histórica”, dessa forma o Império só poderia eleger um novo soberano, caso alguém, utilizando de seu “sentimento histórico”, oferecesse uma pessoa digna de tomar a “coroa do Reno”. Na mesma linha, Hitler condiciona ao destino essa responsabilidade, pois teria sido ele (o destino) o responsável por coroar “Frederico, O Grande”, o qual Hitler enxergava como uma inspiração da “grandeza da raça” (Hitler, 1983, p. 69).

De forma notória, ao falar sobre os Habsburgos, Hitler articula a história e o destino simultaneamente. Ao dizer que os Habsburgos haviam completado sua “missão histórica”, Adolf Hitler impôs sobre sua narrativa um limite de tempo para os governos. Por sua vez, considerando a discussão anterior sobre a Providência Divina, esse limite só poderia ser predefinido por aquele que detém controle sobre o destino, ou seja, Deus. Sutilmente, Hitler articulou três definições, amplamente conhecidas pelo senso comum, para sustentar invariavelmente a sua narrativa. Utilizando-se de acontecimentos reais, Hitler incorpora elementos fictícios, ou de difícil comprovação, de forma que não altera o acontecido, assim criando a sensação de veracidade. No entanto, como nos lembrou Roger Chartier, o verossímil articula um “relato histórico”, enquanto incorpora uma “história fingida” (Chartier, 2009, p. 27). Nesse sentido, a fábula de Hitler se apropria “das técnicas da prova próprias da história, a fim de produzir não ‘efeitos de realidade’, mas sim, preferencialmente, a ilusão de um discurso histórico” (Chartier, 2009, p. 28).

Durante a escrita de *Mein Kampf*, Adolf Hitler deteve um claro interesse na história. Seu objetivo evidente era utilizá-la para sedimentar a construção de sua autenticidade e fortalecer o caráter propagandístico do livro. Notoriamente, Hitler recorreu ao termo “História” e aos acontecimentos históricos para manipulá-los. Entretanto, Hitler não se tratou exclusivamente de alterar fatos por meio de técnicas revisionistas, mas também de incorporar à narrativa histórica elementos ficcionais que moldassem essa narrativa. Dessa forma, a nova narrativa se assimilava ao verdadeiro, mas na realidade tratava-se de narrativas verossímeis com o propósito de reabilitar Adolf Hitler para a política alemã.

Como Adolf Hitler pensou o conceito de história?

No capítulo anterior, discutimos como *Mein Kampf* foi elaborado visando consolidar a falsa identidade de Adolf Hitler. Similarmente, o livro também objetivou propagandear a imagem de Hitler, para torná-lo, no imaginário popular, o líder ideal, mas com um rosto, ideias e histórias capazes de conectá-lo com o povo da Alemanha. Interposto a autenticidade e a propaganda, vimos que o termo “História” foi amplamente requisitado por Adolf Hitler a fim de consolidar seu modelo narrativo ficcional por meio do abuso de relatos verossímeis acerca de eventos passados. A retomada do termo também objetivou consolidar no imaginário dos leitores a concepção de que as ações de Hitler estariam sustentadas na vontade divina e que sua ascensão ocorreria inevitavelmente por meio da ação de Deus.

A análise promovida no capítulo anterior nos introduziu a um seletº pedaço de como a história, terminologia e conceito foram utilizados em *Mein Kampf*. No entanto, para aprofundarmos nossa análise, é preciso que questionemos por que o tempo, e como Hitler olhou para ele, são tão importantes para explicar o conceito de história em *Mein Kampf*. Em “*Apologia da História ou o ofício de historiador*”, a obra póstuma impedida de conclusão pelos nazistas, o historiador francês Marc Bloch definiu o tempo como o “plasma”, onde os seres humanos atuam e, tanto o indivíduo quanto o coletivo, fazem a história (Bloch, 2001, p. 55). Tal interpretação é de suma importância para compreendermos que, quando Hitler falou sobre o tempo, ele também demonstrou sua forma de entendimento acerca da história.

Em “*O Tempo dos Nazistas*”¹⁹, o historiador inglês Christopher Clark analisou como os intelectuais do Regime Nacional-Socialista (1933–1945), incluindo Hitler, olharam para o tempo e para a história. Conforme Clark, ao olhar para a história, o III Reich não objetivou “revolucionar o paradigma da história linear a partir de dentro, fortalecendo-o para atender às necessidades de um partido totalmente transformador”, na verdade, seu desejo era “evadir-se da história por completo, escapando dela para um *continuum* tempo racial de uma memória trans-histórica”²⁰ (Clark, 2019, p. 189)²¹.

Ao definir que os nazistas rejeitaram a “história”, Christopher Clark faz referência exclusivamente ao que ele chama de “forma convencional da história” centrada no Estado — ou seja, o movimento historicista. Segundo Clark, em *Mein Kampf*, a rejeição ao historicismo

19 Sobre a imagem do líder como o “homem perfeito”, ver nota 7.

20 A informação precedente pode ser encontrada no campo da “Introdução”.

21 Na versão digital, todas as citações podem ser encontradas na página 309.

seria comprovada através da afirmativa de que “o principal ator da história” não seria o Estado, mas o *Volk*²² (Clark, 2019, p. 189–190)²³. Outra forma de rejeição do historicismo estaria na associação do conceito de “progresso” à figura do judeu.

Em *Mein Kampf*, Hitler associou a própria ideia da história como progresso com “o judeu”, que primeiro se consolida como uma suposição “benfeitor e amigo do gênero humano” e depois “também se torna “liberal” e começa a delirar sobre a necessidade do “progresso” da humanidade”. Dessa forma, continuou Hitler, “o judeu” havia autodesignado “o porta-voz de um novo tempo”; “elogiando tudo progresso, mas acima de tudo, é claro, o progresso que leva a outros para a destruição”²⁴ (Clark, 2019, p. 190)²⁵.

A partir de ambas as formulações, Hitler teria contribuído com a iniciativa da evasão da história. A análise de Christopher Clark é satisfatória nos âmbitos que destacam a oposição dos nazistas, especialmente Hitler, a componentes relevantes do historicismo e na evidência da raça como parte central da história. No entanto, ela prova-se insuficiente ao propor que o prisioneiro de *Landsberg* se envolva com a realização de uma fuga para um tempo memorial. Sobretudo, pelo fato de que em *Mein Kampf*, Hitler não demonstrou explicitamente o desejo de romper com a história, nem ao menos com o historicismo. Pelo contrário, como vimos no capítulo anterior, Hitler demonstrava um amplo interesse pela história, pois era através dela que o caráter legitimador de sua falsa identidade se desenvolvia.

Thomas Weber demonstra muito bem a relevância da história para Hitler em sua biografia sobre o ditador do NSDAP. Consoante a Weber, “a natureza da história e a mudança histórica” eram ideias que, para Hitler, não tinham o objetivo puramente de atingir um fim e, posteriormente, serem descartadas. Aprofundando em seu argumento, vemos que, como o ditador do NSDAP via, o mundo pode ser dividido em duas partes. “A primeira parte constituía um núcleo interno de ideias que se construíam sobre crenças irracionais, mas que eram perfeitamente coerentes, uma vez que já se haviam aceitado seus primeiros princípios irracionais subjacentes.” É nesse primeiro campo que Weber fixa a história. Junto à história, conforme o historiador alemão, está a visão de Hitler “sobre os judeus, [...] a natureza humana e o darwinismo social, [...] (e) a necessidade de construir Estados que tivessem território e recursos suficientes [...]. Para Weber, as ideias que não são citadas compõem a segunda parte da visão de mundo de Hitler, cuja função foi unicamente atingir um fim. Por fim, Weber também inclui nesse campo as concepções que Hitler compartilhou com os seus

22 A discussão entre história e o *volk* promovida por Mosse é apresentada antes da nota de rodapé número 1 do primeiro capítulo.

23 Sobre a discussão de Koselleck acerca da filosofia da história, ver capítulo 2.

24 Esse apontamento pode ser encontrado entre as notas 2 e 3 do primeiro capítulo.

25 Todas as ideias do parágrafo podem ser encontradas entre as notas 1 e 9 do capítulo sete, intitulado “O judeu”.

partidários, as quais, assim como as demais, também foram descartadas (Weber, 2019, p. 364–365).

Em diálogo próximo à tese de Thomas Weber e aparentemente em caminho oposto à de Christopher Clark, o historiador francês Johann Chapoutot propõe que Adolf Hitler, ao olhar para o passado visando “buscar uma ajuda” para o presente, reabilitou o modelo histórico da antiguidade — a *Historia Magistra Vitae*²⁶ (Chapoutot, 2012)²⁷. Inserida em seu livro dedicado a discutir como a antiguidade foi vista pelos nazistas, a tese nos estimula a reconhecer que Hitler voltou-se para o tempo histórico de diferentes formas. Seja para ressaltar a beleza do edifício do parlamento austríaco, o qual ele definiu como “uma obra-prima helênica em terra alemã” (Hitler, 1983, p. 59), ou para acusar a presença judaica nos grandes meios de circulação como uma “peste espiritual, pior do que a devastadora epidemia de 1348, conhecida pelo nome de Morte Negra” (Hitler, 1983, p. 48). No entanto, buscar uma resposta para o presente por meio de um retorno ao passado não é uma característica exclusiva da antiguidade. Em “*Crítica e Crise*”, Reinhart Koselleck demonstrou que, no século XVIII, por exemplo, o movimento maçônico dos iluminados alemães também olhou para a história como um local de aprendizado e, além disso, como um local de legitimação para suas ações (Koselleck, 1999, p. 115–119).

A hipótese de reabilitação da *Historia Magistra Vitae* também se apresenta como improvável, pois, desde o medievo, a história foi influenciada por valores religiosos do cristianismo, os quais, como vimos anteriormente, estão presentes em *Mein Kampf*. Ao nos depararmos com essas problemáticas, a citação do provérbio árabe por Marc Bloch ilumina nossa busca por compreender o conceito de história entendido por Hitler. Conforme Bloch, “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais” (Bloch, 2001, p. 60).

Retomando a crise vigente do historicismo e as críticas possíveis de Hitler ao movimento, como foi apontado por Christopher Clark e Johann Chapoutot (Chapoutot, 2012)²⁸. Em “*A Última Catástrofe*”, Henry Rousso afirmou que a Primeira Guerra Mundial “contribuiu para o declínio ou o fim do paradigma da objetividade desenvolvido no século XIX” (Rousso, 2016, p. 219). Em concordância, François Hartog aponta que a Grande Guerra colaborou para o surgimento de uma nova crise do historicismo no início do século XX. No entanto, a crise em questão não foi suficiente para gerar um novo “regime de historicidade” (Hartog, 2003, p. 22). Reinhart Koselleck nos explicou que no cerne de uma crise há a

26 As informações sobre o judeu e a modernidade podem ser encontradas entre as notas 9 e 10 do capítulo sete.

27 Na versão traduzida para o espanhol, a citação pode ser encontrada entre as notas 36 e 37.

28 Na versão traduzida para o espanhol, a citação pode ser encontrada entre as notas 39 e 40.

pendência de uma decisão (Koselleck, 1999, p. 111). Então, onde está a crise e qual foi a decisão de Hitler perante ela?

Para iniciarmos essa discussão, nos será de grande ajuda o testemunho de Hermann Esser, citado por Thomas Weber, que nos traz uma pequena luz acerca do que Adolf Hitler leu nos anos anteriores à escrita de *Mein Kampf*. Segundo Esser, Hitler detinha um interesse por Frederico, o Grande — o que é comprovado em *Mein Kampf* (Hitler, 1983, p. 69) —, para além do rei prussiano, o Líder do NSDAP também era interessado por livros de história militar da Primeira Guerra Mundial. Esser também acreditava que na coleção de Hitler haveria livros do historicista Leopold von Ranke, entretanto, como não foi esclarecido por Weber, não temos como dimensionar se Hitler o leu de fato ou se somente o detinha em sua coleção. Vasculhando mais profundamente, Thomas Weber comprovou que no acervo pessoal de Hitler havia um livro sobre a “Revolução Francesa, uma história das fortificações de Estrasburgo, um livro sobre o envolvimento alemão com o Renascimento na Itália”, além de “plantas arquitetônicas para o Teatro Municipal de Cracóvia, um guia de arte para Bruxelas, e um compêndio de desenhos de Bismarck”. Weber apontou que grande parte dessas publicações teria sido adquirida pessoalmente por Hitler. Além disso, entre os anos de “1919 e 1921, ele tomou emprestado vários livros sobre história, política, pensamento social e antisemitismo de uma biblioteca de direita em Munique”. Do mesmo modo, “pegou de empréstimo livros de seus colegas, inclinando-se para os livros de história sobre a Revolução Francesa e Frederico, o Grande.” (Weber, 2019, p. 284–285).

O particular interesse de Adolf Hitler no século XVIII nos permite desvendar um caminho em busca da sua resposta para essa crise do historicismo. Em sua vasta análise sobre o século XVIII, Reinhart Koselleck defende que, a partir do século das luzes, a compreensão de história cíclica, pautada em prognósticos racionais geradores de futuros limitados, foi confinada pela filosofia da história, produtora “de um futuro inédito”. Na história cíclica não existia novidade, tanto o passado quanto o futuro eram entendidos como finitos, assim poderiam ser predeterminados e antecipados, por meio de prognósticos racionais. Esses últimos, por sua vez, possuíam a capacidade “de inscrever o passado no futuro”. Por outro lado, a filosofia da história, estimulada pela filosofia do progresso, a qual se caracteriza pela aceleração do tempo e pelo “caráter desconhecido”, remodelou o pensamento prognóstico racional para o prognóstico histórico, rompeu com a ciclicidade da história e se virou para um futuro inédito que nunca é alcançado. A partir desse novo modelo de ver o futuro, possibilitou-se “transportar para a realidade histórica ficções como o império que deveria durar mil anos ou a sociedade sem classe” (Koselleck, 2006, p. 31–37).

Ao revolucionar o modo de pensar o tempo e conceder a peça fundamental do regime moderno de historicidade, a aceleração do tempo, a filosofia da história também afetou como os seres humanos olhavam para si e para os outros. Surgida a partir de um século das luzes que vivenciavam a crise do regime absolutista, a filosofia da história tornou-se uma ferramenta da sociedade burguesa para sustentar o sonho de libertação das amarras do absolutismo. Contudo, servir como “sustentação” para um sonho não era sua única função. Essa sociedade, sustentada na “teodiceia racional e teológica de Leibniz”, passou a incorporar sua perspectiva teológica na nova perspectiva temporal. Ao passo que a crise evidenciou a existência de conflitos entre distintas expressões de futuro, o indivíduo moderno, que projetava seu futuro ideal e buscava acelerar o tempo para vivenciá-lo, reinseriu elementos teológicos em sua narrativa, para dá-la legitimidade. Concomitantemente, seu desejo de protagonismo sobre o tempo o fez agir em nome dessa teologia, assim o tornando “o Deus da Terra”. A partir dessa forma de pensamento, o futuro criado por esse indivíduo tornou-se parte do próprio desejo divino (Koselleck, 1999, p. 114–115).

É evidente a similaridade entre os pensamentos em voga no século XVIII e as concepções de Hitler. Essa similitude é motivada, principalmente, pelos contextos de crise, tanto social quanto histórica. Para ambos, a solução se deu a partir do futuro histórico. François Hartog, em “*Regime de Historicidade*”, já havia dito sobre a modernidade: “se há ainda uma lição da história, ela vem do futuro e não mais do passado” (Hartog, 2023, p. 138). Adolf Hitler aplicou essa lição da história em diferentes momentos em *Mein Kampf*. Ao falar da luta entre raças, por exemplo, Hitler designa ao futuro do “ainda não” para solucionar o seu problema.

O resultado final é que um tal povo um dia perderá o direito à existência neste mundo, pois o homem pode, durante um certo tempo, desafiar as leis eternas da conservação, mas a vingança virá mais cedo ou mais tarde. Uma geração mais forte expulsará os fracos, pois a ânsia pela vida, em sua última forma, sempre romperá todas as correntes ridículas do chamado espírito de humanidade individualista, para, em seu lugar, deixar aparecer uma humanidade natural, que destroi a debilidade para dar lugar à força (Hitler, 1983, p. 92–93).

O mesmo quando ele tratou de buscar uma prerrogativa para justificar a teoria do espaço vital.

Por isso, a única esperança de realizar a Alemanha uma política territorial sadia está na aquisição de novas terras na própria Europa. As colônias são inúteis para esse fim, por parecerem impróprias para o estabelecimento de europeus em grande número. Entretanto, no século dezenove, já não era mais possível adquirir, por métodos pacíficos, tais territórios para efeitos de colonização. Uma política de colonização dessa espécie só poderia ser realizada por meio de uma luta áspera, que seria mais razoável se aplicada na obtenção de território no continente, próximo da pátria, de preferência a quaisquer regiões fora da Europa (Hitler, 1983, p. 96).

Esses exemplos nos demonstram como a visão de história de Adolf Hitler estava profundamente alinhada ao modelo da filosofia da história moderna²⁹, a qual era característica de sua época. Perante toda a discussão desenvolvida sobre a filosofia da história e a modernidade e a questão que permitiu o prosseguimento dessas pontuações, ainda nos falta responder onde está a crise do historicismo em *Mein Kampf*. Diante do que discutimos, podemos falsamente ter a sensação de que a crise existente no período não afetou a escrita do livro. No entanto, tal afirmativa se prova inverídica quando nos voltamos para as referências sobre os Habsburgos. As recorrentes retomadas de Hitler para invalidar e demonstrar sua oposição aos governantes austríacos impedem que ocorra a passagem do passado. Como nos lembra Berber Bevernage, “a noção de posse de passado é uma ideia central que sustenta a visão de mundo historicista” (Bevernage, 2021, p. 23). Tal interrupção, em *Mein Kampf*, ocorreu por meio da rememoração excessiva, a qual impediou que o Império derrotado em 1918 fosse esquecido em 1923 e em 1925. A relação entre memória e impedimento de superação do passado é fruto da crise da posse de passado, a qual compôs a crise do historicismo. Retomando Bevernage, ele atribui a essa instabilidade duas origens, “a obsessão sociocultural pelo passado” e a “crise da própria consciência histórica” (Bevernage, 2021, p. 25). Citando o argumento de Hans Ulrich Gumbrecht, Bevernage pontua que “as mudanças nas percepções sociais do tempo” através das tecnologias que deram aval para uma “preservação da memória” aparentemente ilimitada tornaram “cada vez mais difícil para nós deixarmos qualquer passado ‘para trás’” (Gumbrecht, 2014, p. 22 *apud* Bevernage, 2021, p. 25). Perceptivelmente, não há elementos que comprovem que Hitler tinha consciência de que, ao fazer uma crítica ao regime dos Habsburgos, ele estaria contribuindo para a crise de historicidade vigente.

A compreensão dessa inconsciência de Hitler, sobretudo, ao que se refere às terminologias da historiografia, as quais, até onde temos consciência, ele não teve contato, é fundamental para podermos discutir a relação entre a ideia de progresso e a figura do judeu que foi utilizada por Christopher Clark. Ao apontar a existência dessa relação, o historiador inglês afirma que “Hitler associava a mesma ideia da história como progresso com ‘o judeu’, que primeiro se consolidou como suposto ‘benfeitor e amigo do gênero humano’ e depois ‘também se torna ‘liberal’ e começa a delirar sobre a necessidade do progresso da humanidade’”. Por fim, Clark conclui: “Dessa forma, prosseguia Hitler, ‘o judeu’ havia se autodesignado ‘o porta-voz de um novo tempo’, ‘elogiando todo progresso, mas sobretudo,

29 Na versão traduzida para o espanhol, a citação pode ser encontrada entre as notas 68 e 69.

evidentemente, o progresso que conduz todos os outros à destruição” (Clark, 2019, p. 190)³⁰. Embora, de fato, Hitler tenha afirmado que o judeu liberal se apropria do ideal de progresso. Aqui, o termo “progresso” não é relacionado à história, mas sim ao liberalismo.

Por sua vez, essa relação é ressaltada pelos editores da edição crítica de *Mein Kampf*, versão que Clark utilizou como referência, que demonstram que o direcionamento crítico ao liberalismo era comum à direita alemã da época (Hartmann *et al.*, 2016, p. 821)³¹. Diante desse fator, não é possível comprovar que a visão de Hitler, a qual centralizava a raça ariana como sujeito protagonista da história, era antiprogressista, como foi sugerido (Clark, 2019, p. 199)³². Em *Mein Kampf*, Hitler utilizou repetidamente o termo “progresso”. Um dentre vários exemplos relevantes que podemos citar é a fala que relaciona o termo à cultura. “O progresso e a cultura da humanidade não são produto da maioria, mas dependem da genialidade e da capacidade de ação dos indivíduos” (Hitler, 1983, p. 221). Esse trecho ganha ainda mais relevância por ser precedido por um discurso, no qual Hitler ressalta que o cargo de chefe de estado, almejado por ele, só poderia ser ocupado dignamente por um “herói”, ou seja, pelo indivíduo que também possui o direito de ocupar o “pantheon da história” (Hitler, 1983, p. 67).

Quem se propuser a ser chefe terá a mais ilimitada autoridade, ao lado da mais absoluta responsabilidade. Quem não for capaz disso ou for covarde demais para não arcar com as consequências de seus atos, não serve para chefe. Só o herói está em condições de assumir esse posto (Hitler, 1983, p. 221).

A relação de Hitler com o ideal de progresso funciona somente porque o primeiro depende totalmente do segundo. Sem o progresso, Hitler não teria conseguido desenvolver a narrativa que conseguiu inventar sua identidade. Por exemplo, em *Mein Kampf*, ele já havia definido o “progresso humano” como “uma ascensão em uma escada sem fim”. Em continuidade, o ditador do NSDAP prosseguiu afirmando: “não se chega de forma alguma em cima, sem ter servido dos degraus inferiores”. Por fim, Hitler conclui dizendo que “foi assim que o ariano teve que trilhar o caminho traçado pela realidade e não aquele com o qual sonha a fantasia de um pacifista moderno” (Hitler, 1983, p. 192)³³.

30 Na versão traduzida para o espanhol, a citação pode ser encontrada entre as notas 66 e 67.

31 O trecho citado encontra-se antes da primeira nota de rodapé. Na tradução para o espanhol, o trecho está escrito da seguinte forma: “Según la interpretación völkisch de la historia, el Volk era una unidad histórica que el presente había heredado de un pasado remoto” (Mosse, 2023).

32 Reinhart Koselleck não inclui o termo “moderna” ao citar a filosofia da história. Contudo, optamos por acrescentar o termo para delimitar a temporalidade da filosofia da história discutida. Se incluirmos a contribuição de François Hartog na discussão de uma filosofia da história moderna, a qual ele denominou “Regime de Historicidade Moderno”, podemos delimitar temporalmente a filosofia da história aos séculos XVIII e XX (Hartog, 2023, p. 140–149).

33 Na versão traduzida para o espanhol, a citação encontra-se entre as notas 100 e 101.

Essa dependência não ocorre por uma escolha autônoma dele, mas pela subordinação da ideia de história que ele compreendia, isto é, a filosofia da história, para com a filosofia do progresso. Diferentemente do que foi proposto pelo historiador Johann Chapoutot, Hitler não via a história repetitivamente como na antiguidade. Da mesma forma, o passado não é visto como uma luz para o futuro, mas sim para o presente — a política (Hartog, 2023, p. 129; Hitler, 1983, p. 22). A distância de Hitler para com a *Historia Magistra Vitae* torna-se mais clara conforme percebemos que em *Mein Kampf*, Adolf Hitler separa characteristicamente seu “campo de experiência” do seu “horizonte de expectativa”. Esse distanciamento nos leva a um retorno a Marc Bloch e ao seu relato sobre quais são os limites da história e onde começa o hoje ou o presente (Bloch, 2001, p. 60–68).

Nos convidando à reflexão, Bloch inicia sua fala nos questionando. “O que é, com efeito, o presente?”, ele nos questiona, e em um tom poético encaminha uma resposta: “no infinito da duração, um ponto minúsculo que foge incessantemente; um instante que mal nasce, morre”. Virando seu olhar para o senso comum, Bloch define o presente como “passado recente”. Por fim, ele nos alerta que “embora o momento atual, no sentido estrito do termo, não seja senão uma perpétua evanescência, a fronteira entre o passado e o presente não se desloca por isso num movimento menos constante”. Toda a reflexão o leva a questionar onde começa a história. Em tom cômico, Bloch relembra seu professor de liceu que dizia: “a partir de 1830, já não é mais história”. Justamente, na mesma linha de definição do professor de Bloch, que daremos o pontapé da nossa análise. No entanto, para tal ato ser concluído, devemos questionar: em qual momento, para Hitler, o tempo deixa de ser história e torna-se política — ou o presente?

Devido à sua escrita em 1923, o passado próximo de *Mein Kampf* com maior relevância e impacto foi a Primeira Guerra Mundial. Ressaltando a relevância do conflito para a formação da sua *persona*, Hitler dedicou um capítulo exclusivamente para relatar sua experiência como soldado. Logo na abertura do capítulo, Hitler inicia seu discurso da seguinte forma:

As ondas dos acontecimentos históricos tinham aparentemente arrefecido e, de tal maneira, que o futuro, na realidade, parecia pertencer à “concorrência pacífica dos povos”, isto é, a uma calma e recíproca ladroagem, pela eliminação dos métodos violentos da reação das vítimas. (Hitler, 1983, p. 107)

Rememorando seus pensamentos infantis que ressaltam a crença de ter nascido em um período de “honras e glórias”, Hitler faz um trabalho memorial que dialoga com outros conflitos como as guerras da Independência, da qual ele clama com aparente contrariedade —

“Ah! Se me tivesse sido possível ter nascido cem anos antes” — a guerra dos Bôeres, a qual ele assume ter acompanhado assiduamente e se considerava testemunha³⁴, e a guerra russo-japonesa. Diferentemente das anteriores, a guerra entre Rússia e Japão causou um efeito distinto em Hitler. Segundo o próprio,

A guerra russo-japonesa já me encontrou sensivelmente mais amadurecida e, também, mais atenta aos acontecimentos. Moviam-me, sobretudo, razões nacionais. Desde os primeiros momentos, tomei partido e, discutindo as opiniões correntes, coloquei-me imediatamente do lado dos japoneses, pois via na derrota dos russos uma diminuição do espírito eslavo na Áustria. (Hitler, 1983, p. 107)

O avanço temporal progressivo do relato nos fornece indícios de que, para Hitler, o passado histórico não é um objeto do qual se detém uma grande distância. Os anos de 1815³⁵, 1881, 1902³⁶ e 1905 elucidam bem esse avanço da temporalidade, contudo, eles não nos indicam a fronteira entre a história e a contemporaneidade de Hitler. A própria temporalidade da Primeira Guerra Mundial não é um limite. Possivelmente, o momento que mais se figura como um limite da história e início da memória seja o imediato pós-guerra, principalmente, os efeitos resultantes da consolidação do Tratado de Versalhes e demais tratados assinados entre a Alemanha e os vencedores da guerra. Visando esclarecer esse limiar, utilizamos como estrutura de nossa análise a definição hitleriana acerca do significado de aprender a história. No início de *Mein Kampf*, Hitler expressou o significado da seguinte forma: “aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos” (Hitler, 1983, p. 21).

No capítulo final de *Mein Kampf*, intitulado “O Direito de Defesa”, Hitler atribuiu um amplo caráter histórico à Primeira Guerra e suas consequências imediatas. Evidentemente, o capítulo é permeado por uma busca discursiva acerca das origens da derrota alemã. Sem retardamentos, Hitler atribuiu a responsabilidade da derrota e consequências da guerra a três grupos: judeus, dirigentes de Weimar e a França — evidentemente, os dois últimos formavam uma parte importante no plano do primeiro grupo. Sobre esse tema, Hitler escreveu as seguintes palavras:

Como, desde o fim da Guerra, a direção de nossos destinos é sabidamente orientada por judeus, não se pode, na realidade, supor que exclusivamente uma noção tenha sido a causa de nossa desgraça, mas, ao contrário, deve-se ter a convicção de que uma intenção consciente conduz nosso povo ao aniquilamento. E, desde que se examine, desse ponto de vista, a aparente loucura na direção da nossa política

34 Chapoutot trata dessa discussão a partir da nota 7 até a nota 12.

35 A obra de referência utilizada aqui é “O Nazismo e a Antiguidade” (título original: *Le nazisme et l'antiquité*). Publicado em 2012, originalmente, em francês, a obra ainda não foi traduzida para o português. O capítulo utilizado é “*Historia Magistra Vitae: Hitler e a História*” (título original: *Historia magistra vitae: Hitler et l'Histoire*).

36 Essa discussão é realizada a partir da nota 7 até a nota 12.

externa, ela se desvenda como uma lógica extremamente requintada e fria ao serviço da ideia e da luta dos judeus (Hitler, 1983, p. 416).

Ao determinar de quem foi a responsabilidade pela vivenciada crise, metodologicamente, Hitler inicia o procedimento de definição da história, por meio da resposta à pergunta: quem foi o responsável pela crise da Alemanha? Iniciado o procedimento, restava para Hitler responder “como” e “por que” a crise estava posta. Como a Alemanha foi derrotada e a sua agrura iniciou? Para responder a essa questão, Hitler voltou-se para o passado. Reproduzindo um paralelo elaborado originalmente por Gustav Stresemann, que se inicia na derrota de Cartago durante as Guerras Púnicas (264–146 A.C.) e finaliza na derrocada alemã em 1918. Hitler buscou na história uma oportunidade que evidenciasse sua narrativa de que a derrota alemã não ocorreu puramente no campo de batalha, mas também por uma autossabotagem vinda de dentro do Estado Alemão (Hartmann, *et al.*, 2016, p. 1692³⁷; Hitler, 1983, p. 415).

Em paralelo, após evidenciar que os sabotadores do estado eram os judeus, Hitler volta-se novamente para a história. Nesse segundo retorno, há um duplo intuito. O primeiro era demonstrar uma exemplaridade de reconstrução após uma derrota. Para cumprir seu objetivo, ele escolheu como período de referência os anos posteriores à derrota prussiana para a França Napoleônica na Batalha de Jena e Auerstedt. No entanto, sua exaltação não foi direcionada ao rei Frederico Guilherme III, mas ao exército e ao povo, os quais se revoltaram contra a França. Para cumprir com a segunda intenção, Hitler permanece na derrota prussiana, mas avança sua temporalidade para o ano de 1925, que corresponde ao Tratado de Locarno. Aproveitando-se do exemplo anterior, Hitler novamente busca ressaltar a existência de uma conspiração interna (Hartmann, *et al.*, 2016, p. 1696–1697³⁸).

As coisas se passaram como ficou indicado acima. Logo que se assinou o vergonhoso armistício, ninguém teve energia nem coragem para opor-se às medidas de opressão que o inimigo executava repetidamente. Ele era muito inteligente para solicitar demasiado de cada vez. Restringiu a sua opressão a uma extensão que, no modo de ver e na opinião de nossos dirigentes alemães, no momento seria suportável, sem que se tivesse de temer uma explosão do sentimento público. Quanto mais assinavam “Tratados” e os toleravam, tanto menos parecia justificado, por meio de mais uma opressão ou mais uma humilhação exigida, fazer de repente aquilo que não se tinha feito de outras vezes, isto é, opor resistência (Hitler, 1983, p. 416).

Atribuindo à história o papel de promover a si próprio e de demover seus inimigos, Hitler se autopromoveu ao papel de “senhor” da história. Desse modo, ele passou a definir o que é ou não história. Através desse método, assim como foi para os iluminados do século XVIII, a

37 Sobre essa discussão, pode-se encontrá-la entre as notas 23 e 24.

38 Na versão disponibilizada online, a página correspondente é a página 2.

história torna-se propriamente o poder paralelo ao Estado vigente (Koselleck, 1999, p. 118). Nesse âmbito, Hitler se colocou em um papel importante o suficiente para que, em um contexto no qual fosse atacado por adversários, ele pudesse utilizar as seguintes palavras: “Considerei essa mais que lamentável frente única como um dos fatos mais ridículos, **e a história me deu razão**” (Hitler, 1983, p. 425. Destaque nosso).

Ao arrogar-se tal autoridade, Hitler também aplicou o conceito de história contra seus adversários. Por exemplo, visando menosprezar a história da França e o seu governo, Hitler disse: “Pois ninguém acreditaria que, *na luta mais decisiva da sua história*, a França empenhasse o sangue de seu povo, já não muito abundante, somente para, mais tarde, receber indenizações pelos estragos praticados.” (Hitler, 1983, p. 417. Destaque nosso). Perante tal autoridade, possivelmente, a divisão entre história e presente foi transformada em um detalhe praticamente insignificante. Para Hitler, o tempo não precisaria ser tão distante para configurar-se como história. Dessa forma, presente e passado histórico passam a se confundir, em função de uma opinião. Assim, levando a eventos como seu nascimento na cidade de Braunau am Inn serem tão dignos de relato quanto a Primeira Guerra Mundial. Por fim, a história funciona também como respostas aos “porquês” de Hitler, os quais, repetidamente, possuem como resposta uma acusação contra os judeus e os adversários de Hitler.

3

A Raça e a História em *Mein Kampf*

No capítulo anterior, discutimos acerca de como o conceito de história foi concebido por Adolf Hitler. Observamos que sua visão se aproximou significativamente da moderna visão de filosofia da história do século XVIII. Assim, foi pontuado que a concepção de Hitler não era totalmente original, mas uma interpretação comum de sua época. Por fim, percebemos que a história foi transformada em um objeto por Hitler, semelhante ao que foi feito pelos iluminados alemães do século XVIII. Sobre a luz do capítulo anterior, a vigente divisão busca compreender como os conceitos de raça e história se relacionam em *Mein Kampf*.

A questão racial é fundamental para compreender todo o pensamento de Adolf Hitler. Visando a divulgação para o grande público, o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos dedicou uma página da enciclopédia do holocausto para falar sobre o termo *Volksgemeinschaft*, o qual podemos traduzir duplamente para “Comunidade Nacional” ou “Comunidade do Povo”. Segundo o museu, o termo em questão possui suas raízes entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Desde então, a terminologia foi empregada com objetivos diversos e a partir de grupos heterogêneos. Adolf Hitler e o seu NSDAP também se avocaram ao termo. Sob o pensamento hitlerista, o termo passou a ter sob seu domínio os “fundamentos de raça, etnia e comportamento social”. Determinados à raça, etnia e comportamento ideal, Hitler e seus apoiadores passaram a excluir grupos que não compunham seu ideal — isto é, o ideal ariano. Grupos de judeus, ciganos, negros, pessoas com deficiência e opositores políticos passaram a ser sistematicamente perseguidos em função de ideais eugênicos e moralmente falidos (United States Holocaust Memorial Museum, 2024)³⁹.

Em função de consolidar uma narrativa que corrobora com sua tese, a história foi novamente acionada. Em um bom detalhamento, Christopher Clark já havia demonstrado, em seu livro, que Hitler avistava na questão racial o agente de sua história (Clark, 2019, p. 198–199)⁴⁰. Tal premissa é comprovada em *Mein Kampf*. No capítulo denominado “Povo e Raça”, Hitler disse: “Todo acontecimento na História Universal não passa de uma manifestação externa do instinto de conservação das raças, no bom ou no mau sentido” (Hitler, 1983, p. 192). Em outro trecho, Adolf Hitler faz uma projeção acerca do que deve ser feito pelos historiadores do futuro. “Futuramente, caberá como tarefa a uma História Universal e Cultural

39 Sobre a versão online, veja a nota 3.

40 Na versão online, a página correspondente é a página 11.

fazer pesquisas nesse sentido e não se deixar sufocar na enumeração de fatos puramente exteriores, como se dá, infelizmente, na maioria das vezes, com a ciência histórica da atualidade” (Hitler, 1983, p. 190). Acerca desse trecho, os editores da versão crítica de *Mein Kampf* pontuaram que a relação entre história e antropologia racial presente no livro de Hitler possui bases em autores como Julius Langbehn, Houston Stewart Chamberlain e Wilhelm Erbt. Ao destacarem esses autores, os editores demonstram a progressão temporal acerca das teorias racistas europeias. Langbehn é o ponto de partida dessa temporalidade.

Escritor do século XIX, ele defendia que, após uma revolução, a historiografia deixaria de explicar a história nacional a partir da “política incerta”, mas conforme o sangue corrente de cada nação. Em sequência, Chamberlain representa a linha mediana desse tempo. Para ele, falar da história do século XIX seria impossível se não houvesse um direcionamento para as raças. Por fim, surge Erbt, o ponto final da temporalidade, que se encerra em 1925. Influenciado, principalmente, por Chamberlain, Erbt defendia a superioridade da raça ariana e alegava que a mistura entre “raças” era prejudicial, “porque o mestiço não tinha ‘autoconfiança criativa’”. Contudo, as ideias de Erbt iam de encontro às de Hitler no que tange ao início do tempo da prosperidade da cultura. Para Erbt, “o ‘tempo integral’ do desenvolvimento cultural sempre ocorreu somente após a fusão da ‘classe dominante ariana’ com os subjugados [...] Sem os subjugados, diz Erbt em relação à Grécia, nenhum florescimento cultural teria sido concebível” (Hartmann *et al.*, 2016, p. 760)⁴¹.

Explorando as origens do *Volk* alemão, Brian Vick apontou que, durante o início do século XIX, nacionalistas alemães eram mais favoráveis à prática assimilacionista com outras culturas e raças do que à exclusão e à opção pela pureza. Conforme Vick, a prática de assimilação voltava seu olhar para um passado para olhar esse tempo de modo contínuo, semelhante, segundo o autor, ao modelo historicista. A partir dessa perspectiva, a Alemanha, assumindo o papel de realizar uma “missão civilizadora”, passou a amalgamar diferentes culturas — gregos, romanos e cristãos. No entanto, existia uma oposição às raízes romanas, as quais, em seu lugar, propunham como substitutos dos primeiros, os indígenas teutões, a qual jamais chegou a ser unanimidade.

O mito acerca dos teutões possui como origem a obra do romano Tácito, intitulada *Germania*. Nessa obra, Tácito retrata os indígenas teutões como fortes guerreiros, assim como ressalta suas características físicas, como os “cabelos loiros”, além da pureza moral e seu fascínio pela liberdade. Ainda que o mito teutão possa ter servido como um princípio de pureza do povo alemão, o exemplo romano não foi abandonado. Vick demonstra que

41 Na versão traduzida para o espanhol, o trecho citado pode ser encontrado entre as notas 39 e 40.

exemplos do direito romano foram assimilados pelos alemães, entretanto havia um determinado limite durante esse processo. Por exemplo, no sistema de ensino alemão do século XIX, havia uma preferência de primeiro ensinar a língua alemã em detrimento da língua latina. Para Brian Vick, era evidente que os intelectuais alemães avaliavam que havia um determinado limite no processo assimilatório. Contudo, para o autor, há um marco que define uma alteração de perspectiva acerca da assimilação e uma possível justificativa para a ascensão de uma visão que prioriza mais a exclusão de outros povos e a pureza da raça. Tal marco estaria na década de 1850. Conforme explica o autor, até a década anterior eram priorizadas uma cultura acadêmica próxima ao historicismo e ao romantismo. Entretanto, ao final da década, houve um afastamento dos valores iniciais e uma maior valoração de uma “ciência materialista”, positivista e realista. Nessa nova perspectiva, a figura do estrangeiro passou a ser assemelhada “a parasitas e doenças”. Os novos valores passaram a ganhar mais força conforme o século chegava ao seu fim. Porém, perspectivas como a concepção de espaço vital (*Lebensraum*), tão importante para Hitler, cunhada por Friedrich Ratzel, ainda possuíam valores mais assimilacionistas do que puristas (Vick, 2003, p. 241–252).

Dialogando com fontes semelhantes às de Vick, George L. Mosse apresenta uma contraposição parcial a Vick. Para Mosse, o final do século XIX é marcado mais por um caráter romântico de oposição ao racionalismo. De acordo com Mosse, esse romantismo do movimento *völkish* do século XIX detinha um grande apelo por um retorno ao campo ou à paisagem natural. Esse apelo *volk* pelo natural colocou o movimento em via de colisão com a modernidade. Para os intelectuais *volk*, a modernidade, representada pelas fábricas e cidades, foi artificialmente produzida pela humanidade, assim afastando os homens da natureza. Valendo-se dessa narrativa, o movimento *völkish* virou seu olhar para a história em busca de uma temporalidade remota, para constituir o “*volk*” como uma unidade histórica” — isto é, ainda que esse ideal tenha sido reprimido em alguns momentos da história, como durante a ocupação napoleônica, o *volk* sobreviveria (Mosse, 2023)⁴².

Essa lógica, a qual se assemelha profundamente com a lógica da filosofia da história apresentada por Koselleck⁴³, seria sustentada a partir de uma retomada a um passado remoto, para consolidar essa visão com exemplos. Uma retomada passadista, suscitada por Mosse,

42 Os trechos que tratam sobre o Estado e o *Völk* na tradução para o espanhol começam após a nota 37 e finalizam na nota 39.

43 No original, a citação é a seguinte: “*In Mein Kampf*, Hitler associated the very idea of history-as-progress with ‘the Jew’ who first establishes himself as the supposed ‘benefactor and friend of mankind’, then ‘suddenly also becomes “liberal” and begins to rave of the necessary “progress” of mankind’. By this means, Hitler went on, ‘the Jew’ had made himself ‘the spokesman of a new time’; ‘praising all progress, but most of all, of course, that progress which leads others to destruction’”

está na conexão do movimento do século XIX com o *volk* boêmio da Idade Média. O período medieval foi reavivado repetidamente como um exemplo desse modo de vida boêmio conectado à natureza (Mosse, 2023)⁴⁴. Em conjunto com a história, a construção de uma cosmovisão foi de suma importância para o movimento *völkish*. Brian Vick demonstrou em seu artigo que, com a construção dessa cosmovisão, os alemães visionavam alcançar o apogeu de “executores de uma missão histórica divina” (Vick, 2003, p. 243). Em complemento, George Mosse apresenta também que a visão cosmo-religiosa foi utilizada como uma ferramenta de identificação, a qual garantia que a pessoa cumpridora dos pré-requisitos se tornasse membro da “unidade *volk*” (Mosse, 2023)⁴⁵.

Em *Mein Kampf*, Adolf Hitler utiliza tanto o fator racial da sua *Volksgemeinschaft* quanto o valor identitário da cosmovisão. A partir do uso de ambos os elementos, Hitler constituiu sua identidade e, para além de si, a identidade racial ariana. Em seu livro que trata sobre a concepção do cristianismo pelo III Reich, Richard Steigmann-Gall apontou que a religião cristã, antes e depois da ascensão ao poder da Alemanha, foi fundamental para “definir a ética da *Volksgemeinschaft*” nazista. Steigmann-Gall também aponta que, nos segmentos religiosos, especialmente nos segmentos protestantes, foi consolidada a noção do *Volk* como uma criação divina. A partir dessa consolidação, o autor aponta que as entidades religiosas, em sua maioria, novamente protestantes, deram aval para a legitimação de ideias eugenistas. Com essa legitimação, grupos que não eram inclusos no *Volksgemeinschaft* nazista, como pessoas com deficiência, judeus, ciganos, negros e opositores políticos, passaram a ser vistos como pecadores, assim como causadores de uma “degeneração moral e social” (Steigmann-Gall, 2007, p. 233–235). Em *Mein Kampf*, a relação entre eugenia e o pecado é diretamente mencionada conforme Hitler discursa acerca da lei natural, onde raças fortes tendem a superar raças fracas — isto é, exceto quando há miscigenação entre raças superiores e inferiores. Para Hitler, a “mistura do sangue” é abertamente afirmada como um pecado.

América do Norte, cuja população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente o efeito da fusão de raças. O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se conservar mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue (Hitler, 1983, p. 186).

44 Sobre a relação entre o ariano e a ideia de progresso, ver capítulo 3.

45 No original em alemão, a frase é a seguinte: “*Den Ausgangspunkt bildet dabei eine gelegentlich schon getroffene Beobachtung: Hitlers Autobiografie in „Mein Kampf“ folgt nämlich in ihrer Struktur dem Modell des bürgerlichen Entwicklungs- und Bildungsromans*”.

Em continuidade, Hitler classifica a miscigenação como “um atentado à vontade do Criador”. No mesmo trecho, ele ainda afirma:

“O castigo também corresponde ao pecado. Procurando rebelar-se contra a lógica férrea da Natureza, o homem entra em conflito com os princípios fundamentais, aos quais ele mesmo deve exclusivamente a sua existência no seio da humanidade. Desse modo, esse procedimento de encontro às leis da Natureza só pode conduzir à sua própria perda. É oportuno repetir a afirmação do pacifista moderno, tão tola quanto genuinamente judaica, na sua petulância: ‘o homem vence a própria natureza’” (Hitler, 1983, p. 187).

Embora a historiografia ainda não tenha chegado a um consenso acerca da temporalidade na qual os pensamentos antisemitas de Hitler tiveram início, é evidente que a grande circulação de ideias antisemitas, principalmente durante o final do século XIX e início do XX, impactou intrinsecamente a escrita de *Mein Kampf*. Trazendo substância à nossa afirmação, George Mosse demonstra que, antes das teorias raciais assumirem um caráter científico, intelectuais do século XIX já imputavam aos judeus estereótipos que visavam caracterizá-los como sujeitos estrangeiros em terras alemãs, desprovidos de qualquer noção ética e que se reuniam nas sombras para elaborar planos de dominação mundial.

Tal imagem chegava ao grande público de diversas formas. Buscando exemplificar essas formas, George Mosse retoma a novela de Hermann Goedsche, na qual a imagem misteriosa do judeu era amplamente disseminada. Em sua novela intitulada *Biarritz*, Goedsche construiu uma narrativa na qual os judeus se reuniam no cemitério do gueto de Praga para planejar secretamente a dominação do mundo. Como foi elucidado por Mosse, a novela foi tamanha ao ponto de contribuir significativamente para a disseminação dos Protocolos dos Sábios de Sião. Colaborando com a disseminação do ódio contra os judeus, autores como Paul de Lagarde, tido como um dos profetas do cristianismo germânico, disseminaram ideias de que os judeus, em um completo oposto dos alemães, não tinham alma ou virtude. Por meio dessa linha argumentativa, os judeus e os alemães seriam completamente incompatíveis, principalmente porque os primeiros “careciam de profundidade espiritual”. Essas teses utilizavam como sustentação passagens do Antigo Testamento, mas, para além do livro sagrado do cristianismo, a ausência de um posicionamento contrário, em especial, advindo da Igreja Católica, também serviu de combustível para a propagação de tais ideais (Mosse, 2023)⁴⁶.

46 No original em alemão, a citação é a seguinte: “An der Wurzel des bürgerlichen Bildungs- und Entwicklungsrömans lag eine epochenspezifische Dynamik der Moderne, die das zumindest bis in die Renaissance zurückreichende Konzept von Individualität noch einmal zuspitzte. Seit dem 18. Jahrhundert nahm nämlich die Bedeutung der personalen Individualität, der neuen Möglichkeiten der autonomen Selbstentfaltung

Contrariando a tese defendida por Brian Vick, na qual os nacionalistas alemães do século XIX tendiam a optar mais por assimilação do judaísmo em contraproposta à “exclusão radical”, George Mosse demonstra que a intelectualidade do século de nascimento de Hitler se direciona mais para uma segregação e exclusão dos judeus, em detrimento da assimilação. Baseando-se na tese de Mosse, é possível afirmar que a representação do judaísmo em *Mein Kampf*, semelhantemente ao século XIX, segue o limiar da exclusão dos judeus. O judaísmo era visto pelo pensamento *völkish* como a “encarnação da modernidade”. “Em consequência, se opor aos judeus significava lutar contra os paladinos da cosmovisão materialista e contra todos os males da sociedade moderna”, George Mosse demonstra que se os judeus são essas figuras representantes da modernidade, dos quais se sustentam na “desonestidade” e na busca insaciável pelo poder, os “amáveis alemães” são seu oposto (Mosse, 2023)⁴⁷. Mas, afinal, quem são os alemães e qual é a sua origem?

Em seu artigo dedicado a compreender o lugar do passado na ideologia nazista, Ángela Uribe Botero traz como enfoque a visão do comandante geral das SS, Heinrich Himmler, acerca da origem dos alemães e da raça ariana. Em uma remontada curiosa, Botero inicia seu trabalho a partir da forma como o comandante das SS concebia o surgimento dos primeiros homens. Para Himmler, a história da humanidade estaria dividida em sete temporalidades. A atual temporalidade — em seu caso, a década de 1930 — seria uma pequena fração da quinta temporalidade, nela a humanidade ainda não teria atingido seu pleno desenvolvimento. Segundo ele, ainda seriam necessárias duas eras, ou um milênio, para que o ápice da humanidade fosse atingido, assim alcançando o máximo de seu desenvolvimento e tornando-se a “espécie com a racionalidade mais elevada”. Retornando para o engatinhar dessas eras, antes de alcançar seu desenvolvimento, os primeiros seres humanos teriam sido remotamente precedidos de uma grande “catástrofe cósmica”, onde a terra teria se “aproximado de um corpo celeste remoto”. Essa aproximação intensa com um novo corpo celeste teria deixado “restos [...] que somente por seu aspecto físico hoje poderíamos chamar de ‘seres humanos’”. Em continuidade, Himmler afirmava que os seres viventes dessa estrela celeste não eram iguais entre si, o fato de habitarem locais diferentes os diferenciava uns dos outros e definia qual era “mais inteligente e mais forte”. Na visão de Himmler, como as características físicas eram apresentadas definia o tipo de raça do indivíduo. No entanto, com

sowie einer entsprechend gewandelten Ich-Umwelt-Relation entscheidend zu”.

47 No original, a citação é a seguinte: “Der Authentizitätsbegriff, um den es hier zunächst geht, verweist mithin auf die Entfaltung moderner Subjektivität, auf die subjektive Wende der Neuzeit und ihre romantischen Ausformungen, wie sie seit dem ausgehenden 18”.

o passar do tempo, seria natural que as raças se tornassem homogêneas, com grande inclinação “a favor da melhor entre as raças” (Botero, 2013, p. 78).

Com o avançar do tempo após a catástrofe, a melhor raça teria sido apresentada. Para Himmler, o tipo racial predominante pertenceria aos teutões, os quais deveriam “substituir as demais raças e ocupar seus lugares na terra”. Evidentemente, a descendência dos teutões, assim como seus objetivos, teria recaído sobre os nazistas (Botero, 2013, p. 78–88). O pensamento histórico de uma guerra entre uma raça superior e inferior é um modelo intelectual comum entre Heinrich Himmler e Adolf Hitler, contudo, o distanciamento de Himmler de um caráter cristão estabeleceu uma fronteira entre ele e Hitler. Embora compartilhassem da concepção de guerra entre raças, em oposição a Himmler, Hitler não via a origem dos arianos nos teutões, mas na antiguidade clássica. Brian Vick e George Mosse já nos demonstraram que no século XIX havia uma discussão acerca da influência romana na cultura germânica. Adolf Hitler, já no século XX, demonstra concordância com a influência romana, mas, sobretudo, para ele, a influência grega parece ser mais notória. Evidentemente, Hitler, assim como Himmler, concebia os alemães como um grupo que descendia diretamente da raça ariana. Nesse sentido, quando Hitler afirma que “só o ariano deveria ser visto como representante da primeira classe”, sendo essa a classe dos fundadores e construtores de cultura, Hitler também abrange os alemães. Nessa mesma linha, demonstrando sua acepção pelo mundo antigo e requerendo a expansão da raça ariana pelo mundo, ele afirma novamente: “Dentro de poucas dezenas de anos, por exemplo, todo o leste da Ásia possuirá uma cultura, cujo último fundamento será tão impregnado de espírito helênico e técnica germânica quanto o é a nossa” (Hitler, 1983, p. 189).

Ao apontar os efeitos da raça ariana, Adolf Hitler não intenciona fazer um discurso com algum grau de humildade, mas sim destacar a total superioridade do arianismo. Por isso, ele pode declarar: “O que hoje se apresenta a nós em matéria de cultura humana, de resultados colhidos no terreno da arte, da ciência e da técnica, é quase exclusivamente produto da criação do Ariano”. Do mesmo modo, Hitler continua dizendo:

É sobre tal fato, porém, que devemos apoiar a conclusão de ter sido ele o fundador exclusivo de uma humanidade superior, representando assim “o tipo primitivo” daquilo que entendemos por “homem”. É ele o Prometeu da humanidade, e da sua fronte é que jorrou, em todas as épocas, a centelha do Gênio, noite dos táticos mistérios, fazendo ascender o homem a uma situação de superioridade sobre os outros seres terrestres. Exclua-se ele, e, talvez depois de poucos milênios, descerão mais uma vez as trevas sobre a terra; a civilização humana chegará a seu termo e o mundo se tornará um deserto! (Hitler, 1983, p. 188–189)

O progresso da humanidade e até a sua própria existência depende da raça ariana. “É nos arianos — raça que foi e é o expoente do desenvolvimento cultural da Humanidade [...]”, definiu Hitler (1983, p. 191). Voltando-se outra vez para o oriente, Hitler expande a influência geográfica dos arianos. Demonstrando essa ação dos arianos no outro extremo do planeta, Hitler conduz a seguinte afirmação:

Se a partir de hoje, cessasse toda a influência ariana sobre o Japão — imaginando-se a hipótese de que a Europa e a América atingissem uma decadência total — a ascensão atual do Japão no terreno técnico-científico ainda poderia perdurar algum tempo. Dentro de poucos anos, porém, a fonte secaria, sobreviveria a preponderância do caráter japonês, e a cultura atual morreria, regressando ao sono profundo, do qual, há setenta anos, fora despertada bruscamente pela onda da civilização ariana. Hoje também o progresso do país é inteiramente devido à influência ariana (Hitler, 1983, p. 189).

A partir de uma visão totalmente etnocêntrica, Hitler inferioriza a existência milenar do Japão. Sem delongas, toda a história do Japão e o seu desenvolvimento tecnológico são atribuídos ao continente europeu.

A ciência e a técnica europeias recebem somente um verniz japonês. A base da vida real não é mais a cultura específica do Japão, embora seja ela quem dá “a cor local” à vida do país, o que impressiona mais à observação do europeu, justamente devido aos aspectos externos originais. Aquela base se encontra, porém, na formidável produção científica e técnica da Europa e da América e, portanto, de povos arianos. Só se baseando nessas produções é que o Oriente poderá seguir o progresso geral da Humanidade (Hitler, 1983, p. 189).

Embora diretamente influenciados pelos arianos, os japoneses não são membros componentes dessa raça. Portanto, os japoneses também não são os atores da história. Hitler destaca constantemente a palavra “progresso”, a qual já discutimos no capítulo anterior. Ao que podemos observar, Hitler não se coloca em via de colisão com o historicismo. Seu agente histórico, o ariano, atuava diretamente na garantia de progresso da humanidade. Esse mesmo agente parece olhar diretamente para o futuro, no qual irá ajudar ou destruir as outras duas categorias nas quais a humanidade é dividida, como foi definida por Hitler, sendo elas os “depositários e destruidores de cultura”. Claramente, tratamos da categoria dos depositários. Hitler colocou o Japão nessa categoria. Os depositários não produzem cultura, somente se alimentam dela, pois lhes faltam “o impulso e o material necessário ao primeiro desenvolvimento cultural (dos fundadores)”. Voltando-nos para o pensamento do Vick, essa raça poderia, conforme o pensar do século XIX, ser assimilada pelos arianos. Contudo, para Hitler, não poderia. Tanto depositários quanto destruidores de cultura não podem e não deveriam ser assimilados. Dedicando-se a explicar seu ponto sobre esse tema, Hitler o aborda da seguinte forma:

Sempre resulta. Mais ou menos, o seguinte quadro de sua evolução: Tribos arianas — muitas vezes em número ridiculamente reduzido — subjugam povos estrangeiros, desenvolvendo, então, animadas por condições especiais da nova região (fertilidade, clima etc.), favorecidas pelo número avultado de auxiliares da raça inferior, suas latentes capacidades intelectuais e organizadoras. Elas criam, frequentemente, em poucos milênios e até em períodos de séculos, civilizações, que, de começo, revelam integralmente os traços íntimos da sua individualidade adaptados às propriedades específicas do solo como dos homens por elas subjugados. Por fim, acontece, porém, que os conquistadores pecam contra o princípio — observado no começo — da pureza conservadora do sangue, dão para misturar-se com os habitantes subjugados, e põem termo com isso à sua própria existência. A queda pelo pecado, no Paraíso, teve somente como consequência a expulsão. Após um milênio ou mais, transparece frequentemente o último vestígio visível do antigo povo dominador, na coloração mais clara da pele, deixada pelo seu sangue à raça vencida e também em uma civilização entorpecida, criada por ele primitivamente para ser a geradora das outras. (Hitler, 1983, p. 190)

Notoriamente, Adolf Hitler não faz distinção sobre a possibilidade de assimilar outras raças ou exclusivamente aspectos positivos. Para ele, somente o ariano é produtor de cultura e de história. Por isso, sua posição é tão oposta à defendida por Brian Vick em seu artigo. Vick nos demonstrou que, enquanto no século XIX se defendia a assimilação de outros povos, para o autor esse pensamento poderia ter se estendido para o início do século XX. Contudo, se ao nos virarmos para Hitler, seu posicionamento se demonstrou completamente contrário a essa possibilidade. Para Hitler, a assimilação era uma derrota significativa, mas não uma derrota total.

Da mesma maneira que o verdadeiro conquistador espiritual se perdeu no sangue dos vencidos, perdeu-se também o combustível para a tocha do progresso da civilização humana! Tal qual a cor da pele, devido ao sangue do antigo senhor, ainda guardou como recordação um ligeiro brilho, a noite da vida espiritual igualmente se acha suavemente iluminada pelas criações dos primitivos mensageiros de luz. Através de toda a barbárie recomeçada, elas continuam a brilhar, despertando demais no espectador distraído a suposição de ver o quadro de um povo atual, enquanto ele se mira apenas no espelho do passado (Hitler, 1983, p. 190).

Certamente, George Mosse aproximou-se mais do pensamento hitlerista ao argumentar acerca da rejeição da intelectualidade do século XIX para com a assimilação de outras raças, especialmente a dos judeus. Adolf Hitler seguiu um caminho similar aos intelectuais *völkisch* analisados por Mosse. A compreensão chauvinista e purista, da qual Brian Vick afirmou ter pertencido no começo do século XIX, foi reavivada. A história foi novamente reativada em prol de uma identidade. No caso da raça ariana, a história de fato volta-se para a temporalidade de um passado remoto, como foi pontuado por Christopher Clark, e assim parte desse passado até o presente. Seu conteúdo, comum para Hitler e Himmler, trata da guerra entre as raças. O fim da guerra com o triunfo dos arianos, por sua vez, não indicaria o fim da temporalidade histórica. Em *Mein Kampf*, Hitler demonstrou que os arianos são os

responsáveis pelo progresso da humanidade, dessa forma também se tornam responsáveis pela própria história. Por sua vez, a atuação dos arianos também nos lembra da atuação dos iluminados de Koselleck, onde é na própria história que acontecem suas guerras e vitórias. A história, tanto no século XVIII, quanto nos XIX e XX, parece seguir um mesmo princípio, ser um espaço paralelo à realidade onde vitórias podem ser projetadas sem o risco de ter o destino contrário. Dentro desse espaço gerado, até mesmo a providência divina atua em favor do narrador, não por acaso Hitler se apropriou extensamente da relação entre o pecado, a raça e a história.

Conclusão

Nos capítulos anteriores, buscamos discutir as diferentes formas que Adolf Hitler utilizou a história (capítulo 1 e capítulo 3) e como o próprio conceito de história foi interpretado por ele e apresentado na escrita de *Mein Kampf* (capítulo 2). Como vimos, a relação de Hitler com a história foi diversa, mas com uma evidente tendência de utilizá-la como ferramenta para criar uma identidade para si e para o seu movimento. Marc Bloch nos lembra que os seres humanos se param mais ao seu tempo “do que com os seus pais” (Bloch, 2001, p. 60). Certamente, Adolf Hitler não foi uma exceção à frase de Bloch. Foi possível para observarmos essa relação de Hitler com seu próprio tempo através, por exemplo, da reprodução majoritária do discurso *völkish* do século XIX, principalmente, através da rejeição da assimilação dos judeus. Em *Mein Kampf*, Adolf Hitler deteve um discurso purista, o qual, para Brian Vick, acreditou ser circunscrito ao início do século anterior (Vick, 2003, p. 251–252).

Aproveitando-se de uma religiosidade, também característica da modernidade, Hitler imputou à miscigenação o estado de pecado, assim novamente arrogando-se a responsabilidade divina de determinar o que está no estado de graça ou não. Durante esse trabalho, a relação entre Hitler e a Providência Divina se mostrou de importância para a compreensão de como Hitler pensou o conceito de história e, para além da história, como o divino foi constantemente reabilitado em prol de uma legitimidade. Para Adolf Hitler, o ator principal da história era o ariano, mas quem gerava as condições para que a raça ariana se demonstrasse mais forte e capaz de criar cultura do que as raças depositárias e destruidoras seria a própria providência divina. Através desse apoio, Hitler não viu problema para determinar que governos já haviam cumprido sua “missão histórica” (p. 69), ou que somente seriam escolhidos como “anunciador da vontade divina” — isto é, um orador — quem tivesse paixão (p. 76), ou, por fim, que combatendo os judeus, ele estaria fazendo a vontade de Deus (p. 52).

Por sua vez, o estudo de Reinhart Koselleck nos demonstrou que essa relação com o divino não é exclusiva de Hitler ou do século XX. As origens dessa relação estão, segundo Koselleck, no século XVIII e na forma como a sociedade burguesa se apropriou do discurso teológico para constituir-se como um “Deus na Terra”. Essa relação também detém um intrínseco envolvimento com a história. Visando romper com o absolutismo, a sociedade burguesa imputou à história todas as suas expectativas de futuro, assim tornando-a própria o campo onde as amarras do absolutismo não alcançavam (Koselleck, 1999, p. 114–115). Para

Hitler, o princípio foi o mesmo. Evidentemente, seu inimigo não era o absolutismo, mas a República de Weimar e, em especial, os judeus. Como vimos, Hitler também apropriou-se do discurso teológico e, não diferente, arrogou-se da história como seu campo de batalha. Dessa forma, ele conseguiu determinar que, pela história, os heróis seriam lembrados (p. 67) e os inimigos da pátria seriam julgados (p. 426).

Para além do campo de batalha, a história também foi o campo da consolidação identitária de Adolf Hitler. Ao impregnar seu livro com o relato de sua vida pessoal, Adolf Hitler objetivou demonstrar ao público uma imagem que até o ano de 1923 não estava entre seus principais objetivos (Weber, 2019, p. 318–319). Antes conhecido somente por seus discursos, Hitler necessitava tornar-se mais conhecido entre seus partidários e eleitores (Wirsching, 2018, p. 398). Por isso, durante o julgamento pelo Golpe de Estado da Cervejaria, ele tomou total responsabilidade pela liderança do movimento. Assim, o que no começo os jornais consideravam o Golpe de Estado de Ludendorff tornou-se o Golpe de Estado de Hitler (Weber, 2019, p. 348–350). Ocultando intencionalmente ou superdimensionando parte de sua história de vida, Adolf Hitler relatou sua própria história em *Mein Kampf*. A mentira foi uma de suas ferramentas de constante uso. Casos como a sua relação com seus familiares em Viena, sua atuação na Primeira Guerra Mundial e a vida que levou após o conflito representam um pequeno número de recortes. Adolf Hitler não deteve um compromisso com a realidade, no entanto, sua narrativa parece real devido ao recurso da verossimilhança que ele utilizou recorrentemente. Roger Chartier já nos alertou que tal recurso é comum tanto em romances quanto em biografias, pois ambos os gêneros literários buscam dar enfoque na história do sujeito-protagonista (Chartier, 2022, p. 47–48).

O período de escrita de *Mein Kampf*, ou seja, os anos entre 1923 e 1926, também nos foi de grande importância para compreender o conceito de história de Adolf Hitler. A própria crise da modernidadeposta à época influenciou de alguma forma na escrita do livro. O relato de Hitler sobre o Habsburgos nos serve parcialmente como demonstração de uma crise da posseidade, levantada por Bevernage. Ao rememorar constantemente o passado, Adolf Hitler não permitiu que ele fosse esquecido, assim fazendo com que esse passado seguisse se perpetuando no presente. Evidentemente, a relação com o reinado dos Habsburgos não representa a totalidade da crise existente ali. Para além dos austriacos, podemos dialogar diretamente com a própria relação de Hitler com o judaísmo, onde todos os feitos seculares dos judeus aparecem no presente. Há também uma amostra dessa crise quando Hitler relata sobre a história dos povos arianos na parte oriental do mundo e ali ele destaca a relação entre a raça e o helenismo. Diante dessas questões, percebemos que Hitler dialoga diretamente com

o seu tempo. E, ainda no recorte temporal deste trabalho, essa relação com a sua temporalidade nos demonstra a impossibilidade de validar uma fuga da história. Similarmente, Adolf Hitler também não cogitava um retorno à *Historia Magistra Vitae*. Perante a análise levantada, objetivamos demonstrar que Hitler compreendeu a história da mesma forma que os seus contemporâneos. Ainda que em sua narrativa, Adolf Hitler tenha retirado o protagonismo do “Estado” e o concedido para a “Raça”, isso não constitui um rompimento com a história, mas uma alteração narrativa que ambicionava dar legitimidade e corpo para a imagem e ideias de Adolf Hitler.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. Marxists, 1951. A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/1951/mes/teoria.htm>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.
- BEVERNAGE, Berber. ‘A passeidade do passado’: reflexões sobre a política da historicização e a crise da passeidade historicista. *Revista de Teoria da História*, v. 24, n. 1, p. 21–39, 2021.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOTERO, Ángela. El lugar del pasado en la ideología nazi. *Estudios Políticos*, n. 43, p. 76–91, 2013.
- CHAPOUTOT, Johann. *Le nazisme et l'Antiquité*. 1ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2012. Livro eletrônico. 851 p. DOI: 10.3917/puf.chapo.2012.01. Disponível em: <http://www.cairn.info/le-nazisme-et-l-antiquite--9782130608998.htm>. Acesso em: 18 de nov. de 2025.
- CHARTIER, Roger. *Editar e traduzir: mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Editora UNESP, 2022.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CLARK, Christopher. *Time and Power: Visions of History in German Politics, from the Thirty Years' War to the Third Reich*. New Jersey: Princeton University Press, 2019.
- CLARK, Christopher. *Tiempo y Poder: Visiones de la Historia desde la guerra de los Treinta Años al Tercer Reich*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2019. Livro eletrônico. 282 p. ISBN: 978-84-17747-91-6. Disponível em: <https://www.galaxiagutenberg.com/producto/tiempo-y-poder/>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.
- HAMANN, Brigitte. *Hitler's Vienna: a dictators apprenticeship*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- HARTMANN *et al.* Hitler, *Mein Kampf Eine kritische Edition*. Munique: Institut für Zeitgeschichte München–Berlin, 2016.
- HARTMANN *et al.* Munique: Institut für Zeitgeschichte München–Berlin, 2022. Hitler, *Mein Kampf Eine kritische Edition*. Disponível em: <https://www.mein-kampf-edition.de/>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. *Revista de história*, n. 148, p. 9-34, 2003.

HITLER, Adolf. *Minha Luta (Mein Kampf)*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Livro eletrônico. 1283 p.

ISBN 978-85-438-0726-3. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535917581/hitler>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

MOSSE, George L. *Los orígenes intelectuales del Tercer Reich: historia de una crisis ideológica*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2023. Livro eletrônico. 465 p. ISBN: 978-84-1384-653-8. Disponível em: <https://www.esferalibros.com/libros/los-origenes-intelectuales-del-tercer-reich-3/>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.

PEREIRA, Vinícius. *AS ORIGENS DE UMA OBSESSÃO: Um estudo sobre o antisemitismo de Adolf Hitler*. 2013. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) — Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

REVEL, Jacques. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

STEIGMANN-GALL, Richard. *El Reich sagrado: concepciones nazis sobre el cristianismo, 1919–1945*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Holocaust Encyclopedia*, 2024. *Volksgemeinschaft*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/volksgemeinschaft-peoples-or-national-community>. Acesso em: 19 de nov. de 2025.

VIDAL-NIQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: “um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988.

VICK, Brian. The Origins of the German Volk: Cultural Purity and National Identity in Nineteenth-Century Germany. *German Studies Review*, v. 26, n. 2, p. 241–256, 2003.

WEBER, Thomas. *Tornando-se Hitler: a construção de um nazista*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

WIRSCHING, Andreas. Hitlers Authentizität: Eine funktionalistische Deutung. *Vierteljahrsshefte für Zeitgeschichte*, Munique, v. 64, n. 3, p. 387–417, fev. de 2018.

Declaração de autenticidade

Eu, Luiz Henrique Alves Spindola Martins, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A HISTÓRIA, A AUTENTICIDADE E O MENTIROSO: Uma análise sobre como Adolf Hitler comprehendeu a história em *Mein Kampf* (1923–1926)” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Data: 10 de dezembro de 2025

Documento assinado digitalmente
 LUIZ HENRIQUE ALVES SPINDOLA MARTINS
Data: 11/12/2025 20:29:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luiz Henrique Alves Spindola Martins